

Trabalho de Conclusão de Curso 2007

Wendel Thomaz Lima

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2007

Orientador: Prof. Ms. Adolfo Suárez

wendel.lima@usb.org.br

IDENTIDADE EM QUESTÃO: Uma análise do comportamento editorial da revista *Diálogo Universitário* em tempos de pós-modernidade

RESUMO: Este estudo pretende responder se a linha editorial de *Diálogo Universitário* tem se adaptado à onda secularizadora que caracteriza a religiosidade contemporânea dos jovens. Levanta-se a hipótese que o periódico tem uma postura conservadora, refletindo o discurso contracultural peculiar à cosmovisão e missão adventistas. Esse posicionamento ideológico pode ser observado no projeto editorial e gráfico da revista, que confere, respectivamente, uma ênfase cognitiva, ética e institucional aos artigos, bem como a hegemonia do texto e da reflexão sobre a imagem e a sensação. O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar o comportamento editorial de *Diálogo*, diagnosticar quais temas foram mais freqüentes em suas capas e contrastar os mesmos com o perfil da religiosidade contemporânea dos universitários adventistas brasileiros. Como objetivo específico, pretende-se identificar sua sensibilidade aos principais desafios e possibilidades apresentados por um ministério para os universitários.

Palavras-chave: Diálogo Universitário, pós-modernidade, identidade adventista

IDENTITY IN QUESTION: An Analysis of the Editorial Procedures of the Magazine *Diálogo Universitário* in Postmodern Times

Abstract: This study pretends to answer the question if the editorial line of *Diálogo Universitário* has adapted itself to the secularizing wave that characterizes the religiosity of contemporary young people. It raises the hypothesis that the magazine has a conservative standing, reflecting the counterculture standing characteristic of the Adventist worldview and mission. This ideological standing can be verified in the editorial and graphic project of the magazine that relates, respectively, a cognitive, ethical and institutional emphasis to the articles, as well as an hegemony of text and reflection over image and feelings. The general goal of this research is to describe and to analyze *Diálogo's* editorial procedures, to diagnostic which themes were the most frequent ones in its cover and to establish a contrast with the contemporary profile of the religiosity of the Brazilian Adventist university students. As a specific goal, it aims to verify the magazine's sensibility to the major challenges and opportunities of a ministry oriented to university students.

Keywords: Diálogo Universitário; Postmodernism; Adventist Identity.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CURSO DE TEOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**IDENTIDADE EM QUESTÃO:
Uma análise do comportamento editorial da
revista *Diálogo Universitário* em tempos de
pós-modernidade**

WENDEL THOMAZ LIMA

ENGENHEIRO COELHO – SP

2007

WENDEL THOMAZ LIMA

**IDENTIDADE EM PAUTA:
Uma análise do comportamento editorial da
revista *Diálogo Universitário* em tempos de
pós-modernidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo como requisito parcial a obtenção da graduação em Teologia sob a orientação do Prof. Ms. Adolfo Suárez.

ENGENHEIRO COELHO – SP

2007

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 27 de novembro de 2007 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Ms. Adolfo Semo Suárez - Orientador

Prof. Dr. Rodrigo Pereira Silva

*A Deus, por me conceder
motivação, capacidade e
oportunidade de desenvolver
esta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade e possibilidade de fazer da pesquisa acadêmica um recurso útil para o ministério pastoral.

À minha namorada, Angela Oliveira, por me ajudar a enxergar o trabalho pastoral de forma integral e por incentivar quando o desânimo me assediava.

À minha família, por fazer da qualidade da minha educação uma prioridade.

Ao meu orientador, professor Adolfo Suárez, por nortear esta pesquisa e me estimular ao estudo das Ciências da Religião.

Ao leitor desse trabalho, o professor Rodrigo Silva, pelas considerações sobre o mesmo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
INTRODUÇÃO.....	2

CAPÍTULOS

I. PERFIL DA RELIGIOSIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS E PAPEL DA MÍDIA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE RELIGIOSA.....	7
1. História, filosofia e missão do ministério jovem adventista.....	7
1.1. Histórico.....	7
1.2. Filosofia e missão.....	10
1.3. Um ministério específico para universitários.....	10
2. Perfil da religiosidade dos universitários.....	14
2.1. Ênfase emocional.....	15
2.2. Privatização do sagrado.....	15
2.3. Trânsito religioso.....	16
2.4. Religiosidade do universitário adventista.....	18
3. Mídia e identidade religiosa.....	21
Conclusão parcial.....	23
II. COMPORTAMENTO EDITORIAL DE <i>DÍALOGO UNIVERSITÁRIO</i>.....	25
1. Revistas segmentadas para o público jovem.....	25
1.1. <i>Mocidade</i>	25
1.2. <i>Superamigo</i>	26
1.3. <i>Conexão JA</i>	27
1.4. <i>Diálogo Universitário</i>	28
2. Comportamento editorial de <i>Diálogo Universitário</i>	30
2.1. Subcategorias dos temas cognitivos.....	32
2.1.1. Científica (CC).....	32
2.1.2. Doutrinária (CD).....	33
2.1.3. Filosófica (CF).....	33
2.1.4. Ciências humanas (CCh).....	33
2.1.5. Culturais (CCt).....	33
2.1.6. Ciências biológicas (CCb).....	34
2.2. Subcategorias dos temas éticos.....	34
2.2.1. Relacionamentos (ER).....	34
2.2.2. Saúde (ES).....	35
2.2.3. Bioética (EB).....	35
2.2.4. Entretenimento (EEt).....	35
2.2.5. Responsabilidade social (ERs).....	35
2.2.6. Estilo de vida (EEv).....	36
2.2.7. Devocional (ED).....	36
2.2.8. Institucional (EI).....	36
2.3. Subcategorias dos temas missionários.....	37
2.3.1. Institucional (MI).....	37
2.3.2. Pessoal (MP).....	37
Conclusão parcial.....	38

III. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EDITORIAL DE DIÁLOGO.....	40
1. Uma postura contracultural.....	40
2. Sensibilidade aos grandes desafios universitários.....	42
3. Contribuição quanto às possibilidades.....	43
Conclusão parcial.....	45
CONCLUSÃO.....	47
Resumo.....	47
Conclusões.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem sido desafiada a se adaptar ao dinamismo das necessidades dos seus jovens. No passado, diante de um desafio para dialogar com a juventude, costumou recorrer a mudanças em sua estrutura administrativa, como a implantação de um novo departamento ou ministério, e investir na produção de matérias, especialmente revistas.

Com o surgimento e consolidação de uma classe universitária-profissional no seio da Igreja, essa se viu comissionada a atender as necessidades espirituais da mesma e motivá-la a comprometer sua formação acadêmica com a cosmovisão e missão adventistas. O lançamento da revista *Diálogo Universitário*, em 1989 pela Comissão de Apoio para Universitários e Profissionais Adventistas (Caupa), foi a iniciativa mais significativa da Igreja no sentido de ministrar aos universitários ao redor do mundo.

Apesar de um pouco mais tardiamente, o Brasil teve seu *boom* do ensino superior privado na década de 1990, que contribuiu para a popularização do acesso à universidade, inclusive para os adventistas. Novamente a Igreja, agora a brasileira, é desafiada a dialogar com esse segmento de sua membresia. Apesar de ter lançado recentemente a revista *Conexão JA* como um investimento em mídia para os jovens, a *Diálogo* se apresenta como a única publicação consolidada focada nos universitários.

Diante desse contexto, este estudo pretende responder se a linha editorial de *Diálogo Universitário* tem se adaptado à onda secularizadora que caracteriza a religiosidade contemporânea dos jovens. Levanta-se a hipótese que *Diálogo* tem uma postura conservadora, refletindo o discurso contracultural peculiar à cosmovisão e missão adventista. Esse posicionamento ideológico pode ser observado no projeto editorial e gráfico da revista, que confere, respectivamente, uma ênfase cognitiva, ética e institucional aos artigos, bem como a hegemonia do texto e da reflexão sobre a imagem e sensação.

O objetivo geral dessa pesquisa é descrever e analisar o comportamento editorial da revista *Diálogo Universitário*, identificando quais temas foram mais frequentes em suas capas e contrastando os mesmos com o perfil da

religiosidade contemporânea dos universitários brasileiros. Como objetivo específico, pretende-se identificar sua sensibilidade aos principais desafios e possibilidades apresentados por um ministério para os universitários.

A justificativa desse estudo se dá por duas demandas. A primeira parte de uma realidade empiricamente observável. Nos últimos anos, surgiram várias agremiações de universitários adventistas pelo país, geralmente por iniciativa dos fiéis. Elas erguem a bandeira de uma participação mais ativa e profissional dos estudantes na igreja e na sociedade, bem como a capacitação para um testemunho mais inteligente da fé. Essas iniciativas, apesar de regionais e ainda não consolidadas, parecem apontar para a necessidade de uma mobilização da IASD no sentido de organizar e efetuar um ministério para os universitários adventistas. A revista *Diálogo Universitário* se apresenta como uma das poucas ou talvez a única ação pastoral da Igreja nesse sentido.

A segunda vem do interesse da academia pela religiosidade universitária. Um estudo significativo dessa natureza no Brasil é o que vem realizando o departamento de teologia e ciências da religião da PUC de São Paulo. Essa pesquisa tem observado que os estudantes apresentam um interesse muito grande pelo sagrado, apesar de estarem em contato com a linguagem e pensamento ateísta do ambiente universitário. Tal religiosa se tem mostrado sincrética, sem a mediação da instituição religiosa e marcada por um forte sentimento emocional. Contudo, estudos nesse sentido, que avaliem a realidade dos universitários adventistas, praticamente não existem. Um dos poucos, é a pesquisa embrionária desenvolvida em artigo científico pelo professor Adolfo Suarez, que busca analisar se os estudantes do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) também manifestam uma fé sincrética.

Como metodologia, esse estudo se vale de uma análise freqüencial dos artigos de capa da revista *Diálogo*, a fim de identificar quais temáticas e subtemas foram mais recorrentes no periódico. Para tanto, procedeu-se a identificação de categorias e subcategorias, cujas definições e siglas são listadas abaixo:

Categoria Cognitiva (C): Pautas que mostram a singularidade da cosmovisão adventista e como ela enxerga a cultura secular, estimulando os jovens a

crescerem simultânea e consistentemente no conhecimento de Deus e no acadêmico-profissional;

Subcategorias:

Científica (CC): Trata do diálogo entre o conhecimento científico e a teologia. Discorre sobre a natureza, pressupostos, metodologia, história e limitações da ciência.

Doutrinária (CD): Discorre sobre as questões diretamente relacionadas a fé adventista, como doutrinas, história da igreja, estudos sobre temas ou livros específicos da Bíblia.

Filosófica (CF): Aborda os pressupostos, coerência, exclusividade e relevância da visão de mundo adventista em contraste com as demais, especialmente com um contraponto à proposta de relativismo ético-filosófico da pós-modernidade.

Ciências humanas (CCh): Apresenta um diálogo da cosmovisão adventista com as ciências humanas, especialmente com a psicologia e a história. No caso da arqueologia, destaca como essa ciência tem contribuído para confirmar a veracidade do relato bíblico.

Culturais (CCT): Pautas que apresentam como grandes intelectuais e artistas manifestaram a própria fé e qual o aprendizado espiritual da experiência ou das obras desses para os adventistas.

Ciências biológicas (CCb): Aborda como as ciências biológicas dialogam com a cosmovisão adventista. Distingue-se das pautas sobre criacionismo pelo fato de focar áreas menos afetadas pelo evolucionismo, mas que apresentam alguma contribuição para o estilo de vida adventista, como a medicina.

Categoria Ética (E): artigos que desafiam e instruem o jovem a ser ativo e útil na sociedade em que está inserido, levando-o a se posicionar e atuar em coerência com a fé adventista;

Subcategorias:

Relacionamentos (ER): Aborda assuntos sobre relacionamentos intra e interpessoal, com ênfase em namoro, casamento e ética sexual para solteiros.

Saúde (ES): Contempla questões ligadas a filosofia de saúde adventista, com temas como depressão, estresse e vegetarianismo.

Bioética (EB): Aborda questões ligadas a postura adventista em relação à vida do homem e dos animais, bem como diante dos avanços biotecnológicos e da preservação ambiental.

Entretenimento (EEt): Contempla artigos sobre a postura do cristão diante da indústria cultural, com especial atenção para os meios de comunicação de massa.

Responsabilidade social (ERs): Discute a postura e a atitude do adventista diante de questões de interesse coletivo, como política, racismo, assistência social e violência doméstica.

Estilo de vida (EEv): Pauta que aborda os mais variados temas sobre a conduta adventista, como vestuário, finanças, suicídio, entre outros.

Devocional (ED): Apresenta respostas existenciais aos problemas humanos, tem um caráter mais devocional-motivacional.

Institucional (EI): Trata de casos que envolvem a imagem da IASD.

Categoria Missionária (M): Matérias de estímulo e capacitação para o testemunho pessoal do universitário, ensinando-o a usar abordagens pertinentes ao contexto contemporâneo;

Subcategorias:

Institucional (MI): Trata do crescimento mundial da IASD, bem como dos planos, estratégias e metas da mesma.

Pessoal (MP): Contempla artigos motivacionais e de orientação quanto às técnicas para o testemunho pessoal no ambiente universitário e de alcance a grupos específicos, como os judeus e hindus.

Como pressupostos teóricos, esse trabalho se baseia em Jorge Cláudio Ribeiro (2004) com seu estudo extenso e representativo na PUC de São Paulo sobre a religiosidade dos universitários; Regina Novaes (2004) com as suas contribuições sobre o perfil da religiosidade dos jovens contemporâneos; e João Batista Libânio em suas considerações sobre as ações pastorais para os jovens em tempos de pós-modernidade. Já no que tange especificamente o

adventismo foram usados o estudo singular de Malcom Allen (1994) sobre a história e os desafios do ministério jovem adventista; as pesquisas de Renato Stencel (2006) sobre a história e consolidação do ensino superior adventista brasileiro e o levantamento embrionário de Adolfo Suarez (2006) sobre o sincretismo religioso entre universitários adventistas do Unasp.

Vale ressaltar que apesar de se tratar de um requisito para a titulação em bacharel em Teologia, essa pesquisa procura estudar um objeto, que por sua natureza (comportamento religioso), extrapola os subsídios teológicos, sendo necessário outro referencial teórico: a fenomenologia da religião. Para José CROATTO, a Teologia, como ciência, parte da fé, da revelação divina, e se preocupa em sistematizar a vontade divina para com o homem. Já a fenomenologia da religião estuda o sentido das expressões ou manifestações religiosas, bem como a estrutura, coerência e dinâmica das mesmas. Logo, ela tem como objeto de estudo o imaginário e o comportamento religioso (2001, p. 27). Waldomiro PIAZZA complementa essa idéia ao definir a fenomenologia religiosa como “o estudo sistemático do fato religioso nas suas manifestações e expressões sensíveis, ou seja, como comportamento humano, com a finalidade de aprender o seu significado profundo” (1983, p. 18).

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro trata do perfil da religiosidade contemporânea, seus reflexos nos adventismo e a necessidade do uso da comunicação como elemento formador de identidade religiosa. O segundo, procura descrever o comportamento editorial da revista *Diálogo Universitário*. O terceiro e último, apresenta uma avaliação do posicionamento ideológico da revista, com o objetivo de contrastá-la com a demanda da espiritualidade atual do jovem.

CAPÍTULO 1

PERFIL DA RELIGIOSIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS E PAPEL DA MÍDIA COMO FORMADORA DE IDENTIDADE RELIGIOSA

Esse capítulo pretende justificar a necessidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) produzir bens midiáticos, a fim de atender uma necessidade da religiosidade dos seus jovens universitários. Para chegar a essa conclusão, construo minha observação a partir de uma breve análise da história, filosofia e missão do ministério jovem adventista. Destaco que esse departamento tem sido desafiado historicamente a dialogar com cada geração de jovens. Logo, com o crescimento do número de universitários no seio adventista, a demanda por adaptação parece se repetir.

O capítulo ainda tratará sobre o tipo de demanda religiosa com o qual o adventismo tem se deparado. Para tanto, descreverei sucintamente o perfil da religiosidade dos universitários, ressaltando as características de ênfase emocional, privatização do sagrado, e trânsito e sincretismo religiosos. Por fim, apresentarei o papel da mídia na sociedade moderna no que tange a produção de sentido e a construção de novas identidades. Concluo parcialmente, considerando a importância de a IASD investir na produção de bens midiáticos, especialmente na mídia revista, como uma das principais ações pastorais contextualizadas do ministério jovem adventista para hoje.

1.1. História do ministério jovem adventista

É interessante observar que a IASD nasceu e se organizou sobre a liderança de jovens, dentre eles a adolescente de 17 anos, Ellen White, bem como aquele que futuramente seria seu esposo, Tiago White. Na sua retrospectiva analítica do trabalho da Igreja Adventista pela juventude, o ex-líder mundial do ministério jovem procura identificar períodos singulares da história do departamento. Apesar de começar sob a liderança dos mancebos, o adventismo do período de 1840 a 1880, aos poucos, deixou os jovens à margem das políticas administrativas e atenção da igreja. Ao final desse tempo, os pioneiros adventistas já estavam na terceira idade, e os jovens, de segunda e terceiras gerações começavam a apostatar da fé (ALLEN, 1995, p. 27).

É ao final desses idos que a Igreja começa a se despertar para a necessidade de um ministério para os jovens. Em 1879, os dois adolescentes Luther Warren e Harry Fenner, de respectivamente 14 e 17 anos, fundam a primeira sociedade de jovens (agregações de jovens da igreja local). O objetivo da organização para esses dois adolescentes era claro: salvação e serviço, propósito que se tornaria lema do departamento na América do Sul.

Após esse pontapé inicial, muitas outras sociedades de jovens foram surgindo nos Estados Unidos. A Igreja caminhou, entre os anos 1880 até 1908, para a organização e consolidação desse ministério. Essa meta foi alcançada em reuniões de estudo da *Bíblia* e dos escritos de Ellen White à respeito do trabalho pelos jovens, culminando com a oficialização do departamento em 1908, pela sede mundial da IASD, nessa época dirigida pelo pastor A. G. Daniells (Ibid, p. 28).

Allen acredita que as décadas de 1910 a 1930 foram as mais prósperas para o ministério jovem. A Igreja se expendia pelo mundo e se consolidava organizacionalmente. O culto jovem era o centro da participação dos mais novos na congregação local. Era um programa voltado para a oração, com a presença das famílias por completo, e um espaço oportuno para o companheirismo cristão e capacitação e comprometimento missionários.

Porém, logo após a Primeira Guerra Mundial, a Igreja já era pressionada por correntes de humanismo e relativismo ético. A reação da liderança se deu por meio de muitos folhetos, livros, materiais e pelo periódico *The Youth's Instructor*. O conteúdo destacava os valores morais cristãos, com um discurso puritano e algumas racionalizações, sem apresentar uma base bíblica sólida. No entanto, essa produção cultural satisfazia a necessidade dos jovens de então. Em 1930 foi publicado o livro *Mensagens aos Jovens*, uma compilação dos conselhos de Ellen White para a juventude (Ibid., p. 30).

Os anos que se seguiram após a Grande Depressão de 1929 e a Segunda Guerra Mundial marcaram profundamente o mundo e a Igreja. Os meios de comunicação começaram a desempenhar um papel fundamental nas relações sociais. Muitos jovens e empregados da IASD, devido a demanda por qualificação profissional, ingressaram em universidades não-adventistas. De lá, trouxeram tendências secularizantes para a Igreja. Além disso, a psicologia e pedagogias humanísticas da época, no seu apoio à suposta incompreensão

que os jovens sofriam, aumentaram a distância entre pais e filhos. O ministério jovem acabou pendendo para um programa só para jovens, uma “tribo” dentro da Igreja.

As décadas de 1950 a 1970 também foram muito desafiadoras. A popularização da TV, o crescimento da indústria cinematográfica e a nova cultura pop, encabeçada pela música rock deram a tônica desse período, especialmente nos países desenvolvidos. Surgia uma geração de diretores de jovens das igrejas locais que não tinha muita intimidade com a filosofia e missão do ministério. A Igreja novamente reagiu com publicações. Duas revistas para jovens foram lançadas, a *Guide* e a *Insight*. Ambas tiveram boa aceitação entre os americanos, mas o mesmo não se deu no restante do mundo. A rejeição aconteceu porque todo o material era produzido nos Estados Unidos e com temáticas e abordagens apropriadas apenas para os adventistas ianques (Ibid., p. 33).

Já na década de 1970, em especial, o consumo de drogas foi muito alto. Essa liberalização quanto aos entorpecentes também se refletiu na sexualidade, impactada pelos movimentos homossexuais e feministas. O número de divórcios assustava, inclusive dentro da Igreja. Além disso, na esfera acadêmica, a teologia adventista era duramente atacada por críticos internos. Percebeu-se a necessidade de uma atenção mais segmentada. A liderança jovem se viu pressionada a atender a grupos específicos, como o dos desbravadores, universitários, jovens adultos, solteiros e viúvos, entre outros (Ibid., p. 35).

Por fim, na década de 1980, a dificuldade foi mais administrativa. Era criado o departamento de Ministérios da Igreja, o qual abarcava as áreas de jovens, escola sabatina, ação missionária e lar e família. Já no início da década de 1990, essas decisões administrativas são revistas e revogadas. A liderança do ministério jovem em nível mundial e continental começa a financiar pesquisas, a fim de diagnosticar o perfil da juventude adventista, bem como das necessidades desses. O livro de Allen, até aqui citado, foi escrito exatamente nesse momento de reavaliação, por ocasião de encontros dos líderes mundiais da Igreja em 1993 (Ibid., p. 36).

Diante dessa breve e panorâmica história do ministério jovem adventista é possível perceber que esse departamento foi, ao longo dos

tempos, um dos mais desafiados a dialogar com a cultura secular. Allen acredita que o impacto da imoralidade e do avanço tecnológico sobre a vida contemporânea, tornam a pastoral para a geração atual, talvez a mais desafiadora de toda a história de IASD (Ibid., p. 38).

1.2. Filosofia e missão

Por definição, o ministério jovem adventista é entendido como “a obra da Igreja conduzida para, com e pelos jovens” (IASD, 2000, p. 102). Os objetivos se centralizam em três grandes frentes de atuação (Ibidem):

- (1) Levar os jovens a compreenderem seu valor pessoal e a descobrirem e desenvolverem seus dons e habilidades espirituais;
- (2) Preparar e habilitar os jovens para uma vida de serviço com a igreja de Deus e a comunidade;
- (3) Assegurar a integração dos jovens em todos os aspectos da vida e liderança da igreja, para que participem plenamente na missão da igreja.

Em suma, poderíamos resumir a atuação do ministério jovem em duas dimensões, que são expressas no slogan popular entre os jovens “salvação e serviço”. A primeira dimensão está ligada a uma atuação interna, que valorize o desenvolvimento dos dons, o crescimento do jovem no discipulado e a preservação de sua salvação e identidade denominacional. A segunda esfera de atuação contempla mais um trabalho externo, que visa o cumprimento da missão, por meio da capacitação da juventude para o serviço a Deus e à comunidade.

1.3. Um ministério específico para os universitários

A partir de uma análise da história, filosofia e missão do ministério jovem e diante de uma leitura da realidade é possível inferir que urge a necessidade da consolidação de um ministério específico para os universitários. Tal inferência se deve a própria natureza dinâmica dos jovens, que exige adaptação constante do trabalho espiritual que é oferecido a eles. ALLEN ressaltou o compromisso do ministério jovem mundial em desenvolver

estudos que procurem diagnosticar as necessidades dos jovens e estabelecer políticas administrativas para os mesmos (1993, p. 8).

Essa contextualização do trabalho da IASD pelos jovens, ao longo da história, implicou mudanças administrativas e investimento na produção de materiais de treinamento e bens midiáticos. As mudanças de estrutura podem ser observadas a começar pelo estabelecimento do próprio departamento jovem em 1908 e depois com o de Desbravadores em 1950. Já a lição da escola sabatina dos jovens, as meditações matinais e a revista *Ação Jovem* são exemplos do investimento denominacional na produção de materiais de treinamento. Já periódicos como *Guide*, *Insight*, *Juventude* (1936), *Mocidade* (1958), *Superamigo* (1994), *Diálogo Universitário* (1989) e *Conexão J.A.* (2006), além de programas televisivos como *Código Aberto* e *Let's Talk*, demonstram a ação eclesial na produção de bens midiáticos para os jovens.

Em suma, os pressupostos e o desenvolvimento histórico do ministério jovem abrem margem para a criação e a atuação de inúmeras pastorais para grupos específicos. Uma pastoral voltada para os universitários também se mostra muito oportuna, pois é nessa fase da vida que o jovem precisa e busca um sentido para a sua existência, característica da própria religiosidade. Jorge RIBEIRO acredita que a “religiosidade é fundamental para o jovem levar a bom termo a sua maturação” (2004, p.83).

Apesar da dificuldade de se conceituar o final da juventude, Libânio sugere que essa “passagem” se dá com a conquista de três status sociais: “entrada estável no mercado de trabalho, constituição de uma família própria e a responsabilidade por encargos cívicos” (2004, p.15). Logo, é de se esperar que nessa fase da vida, o universitário se sinta pressionado a tomar inúmeras decisões de grandes implicações.

A insegurança para tomada de posturas se agrava devido o contexto em que ele vive. Numa época marcada pela desintegração de instituições até aqui muito sólidas, como a família, a escola, o Estado e a igreja, o jovem contemporâneo se vê “órfão” e inseguro diante dos desafios da vida adulta. Regina Novaes acredita que o medo decorrente da violência urbana e da competitividade do mercado de trabalho estimulam os jovens a se “refugiarem” na fé (2004, p.9).

Essa demanda já foi percebida pela Igreja em nível mundial. Em 1989 já se estimava que dos 80 mil universitários adventistas no mundo, metade estudava em instituições não adventistas (HASI: 1989, p. 3). Em 1992, os cálculos já estavam em 60 mil estudantes adventistas em campus seculares (HASI: 1992, p. 28). Já em 2006, os universitários somavam cerca de 230 mil, sendo que 160 mil desses estudavam instituições não adventistas (HASI, 2007).

Com a organização da Comissão de Apoio para Universitários e Profissionais Adventistas (Caupa) foi dado o primeiro passo para a implantação e consolidação de um ministério para universitários em nível mundial. Essa iniciativa procurava atender as necessidades intelectuais, sociais e espirituais de universitários e pós-universitários adventistas, que estudavam e trabalhavam em instituições e organizações fora da Igreja.

Dois votos administrativos mostram bem a preocupação que a IASD manifestava, especialmente por aqueles que não tinham um vínculo com a educação adventista. O primeiro, de 1992, previa principalmente: (a) que cada campus universitário secular com presença adventista fosse visto como um campo missionário; (b) que um capelão fosse comissionado para atender as necessidades desses estudantes; (c) que fosse organizada uma agremiação de universitários adventistas em cada campus; (d) que a igreja local desse suporte a esse ministério; (e) que os universitários fossem capacitados para o evangelismo; e (f) que a revista *Diálogo Universitário* fosse distribuída para todos os estudantes adventistas (Hasi: 1992, p. 28).

Já o segundo, tomado em 1995, procurava consolidar e ampliar as decisões até ali sancionadas. O documento tornava bem claro os objetivos da CAUPA, que procurava atender as necessidades dos universitários

fortalecendo a lealdade destes estudantes em crenças e valores adventistas, provendo oportunidades para enfrentar os desafios intelectuais que surgem num ambiente secular, desenvolvendo seus talentos de liderança e treinando-os para serem testemunhas no campus, na comunidade e no mundo em geral (Hasi: 1996, p. 32).

Dentre as ações previstas para uma pastoral universitária em campus seculares mais consolidada, estavam: (a) a capacitação de capelães; (b) a distribuição da revista *Diálogo Universitário* pelo departamento de Educação; (c) a organização de agremiações adventistas pelo departamento de Jovens

Adventistas (JA); (d) apoio do departamento de Liberdade Religiosa quanto às possíveis dificuldades com a guarda do sábado; (e) prover estímulo e possibilidades para a participação dos universitários no voluntariado e no campo missionário; e (f) que haja representatividade da CAUPA em todos os níveis eclesiais, inclusive na própria congregação local (Ibidem).

Diante desse contexto, esse trabalho defende um olhar mais atento da IASD brasileira para um segmento dos seus jovens que se mostra peculiar, pelos desafios que enfrenta e pelo potencial que apresenta: os universitários. No Brasil, com o crescimento do número de universitários adventistas, (uma estimativa de 2004 apontava para 14 mil deles [Stencel: 2004, p.100]), pode-se observar uma grande expectativa desse grupo em relação a uma política administrativa mais específica para eles. Várias manifestações têm acontecido nesse sentido. A principal é a organização de agremiações de universitários adventistas. Uma das mais consolidadas e atuantes dessas organizações é a União dos Adventistas Universitários (UAU), fundada em 2001, por estudantes da Universidade de Santo Amaro (Unisa). Atualmente, ela está vinculada a maior parte das sedes administrativas da IASD no Estado de São Paulo.

A UAU surgiu com o objetivo de fortalecer a fé, incentivar o espírito de voluntariado e promover intercâmbio entre os universitários adventistas. O grupo fundador percebeu que “os alunos adventistas, entre os colegas universitários, não se destacavam como deveriam e utilizavam pouco seu potencial para proclamar a mensagem de paz e esperança do cristianismo” (Internet, 2007). O grande interesse era usar o conhecimento adquirido na faculdade em prol da pregação do evangelho.

A idéia começou a ganhar força e conseguir representatividade fora da Unisa. A agremiação promoveu projetos sociais, cultos de ação de graça e diálogo com entidades representativas da classe estudantil, como a União Nacional do Estudantes (UNE). Posteriormente, a organização recebeu apoio da administração da IASD local¹. Outras agremiações semelhantes estão sendo organizadas no país, como a AGUA, SUAMA, entre outras. Ainda como evidência dessa tendência, pode-se destacar a organização e consolidação de vários fóruns, encontros e simpósios de universitários, como os promovidos,

¹ Para ter um histórico completo, bem como mais informações sobre a atuação da UAU, acesse o site www.uau.org.br.

em seis edições até aqui, pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho. Diante desse contexto, percebe-se que há uma expectativa latente da parte dos jovens e ações isoladas da IASD, até aqui não articuladas e centralizadas em nível nacional.

2. Perfil da religiosidade dos universitários

Esse trabalho se vale do conceito de religiosidade utilizado por RIBEIRO, a partir das reflexões de George Simmel: “uma dimensão humana, histórica e culturalmente determinada, que se abre à transcendência, mobiliza energias e se materializa em formas cognitivas e emocionais na construção de sentido para a totalidade da existência” (2006, p.115).

Vale ainda mencionar a distinção que Ribeiro faz entre religiosidade, fé e religião. Segundo ele, fé é o reconhecimento individual da existência e identificação do Transcendente. Ela exige um compromisso com a divindade. Já a religião é a organização e institucionalização das crenças e práticas religiosas (Ribeiro, 2004, p.100).

O estudo sobre o perfil da religiosidade de grupos específicos, sobre as diversas manifestações de fé e a relação dos jovens com as religiões tem ganhado destaque na comunidade acadêmica adventista. De modo geral, os estudiosos reconhecem o profundo impacto da pós-modernidade² na religiosidade contemporânea, em contraste com aquela forjada pela modernidade. Em síntese, três peculiaridades poderiam ser destacadas quanto à espiritualidade da população em geral, que encontra reflexos ou até intensificações no público universitário: (a) ênfase emocional; (b) privatização do sagrado; (c) transito e sincretismo religiosos.

2.1. Ênfase emocional

Essa característica se mostra simetricamente oposta ao apelo racional do cristianismo histórico. Um abismo os separa. Enquanto a religiosidade atual é regulada pelo carisma (místico), o protestantismo o é pelo discurso racional

² Apesar do momento cultural atual não ser, por unanimidade, identificado como Pós-modernidade, há um consenso no meio acadêmico de que o contexto contemporâneo é de ruptura com a Modernidade. Portanto, este trabalho não pretende esgotar ou pormenorizar essas diferentes nomenclaturas atribuídas ao momento histórico em que vivemos, mas destacar o impacto desta transição de paradigmas na religiosidade brasileira.

(BÁSTIAN: 2004, 33). Toda essa ênfase na sensação se manifesta de forma especial no culto, o espaço nobre da experiência religiosa. Percebe-se a falência da pregação como uma exposição sistemática e dogmática da Bíblia, dando espaço para uma pregação existencialista, a qual serve como analgésico para as agruras do cotidiano.

Neste afã pelo êxtase, o culto torna-se festa. Vive-se um entretenimento religioso, uma espetacularização da fé (BOMILCAR: 2005, internet). Evidência dessa tendência é o surgimento, em meados da década de 1990, de padres pop-stars que se tornam ídolos populares por reunirem multidões em show-missas, lançarem CD's, e garantirem a audiência na mídia de massa. Um ícone desta onda é o padre carismático Marcelo Rossi. Portanto, as celebrações eclesiais se transformaram em eventos "onde o divertido entretenimento e as emoções religiosas se entrecruzam" (YAMADA, 2004, p.41).

Desiludidos com o Deus transcendente do cristianismo tradicional, os religiosos pós-modernos querem uma divindade mais próxima, imanente. A divindade outrora temida, agora pode ser sentida e experimentada. A idéia de reverência e espírito de serviço que tomava conta dos fiéis é substituída pelo senso de que o fiel deve ser servido por Deus. Atendendo-lhe as necessidades temporais e aceitando uma liturgia que gere bem-estar ao fiel. Além de baixar Deus ao reino dos homens (imanência), o fiel toma o lugar de Deus, no sentido que o culto gira em torno de si mesmo (ANTONIAZZI: 1998, 16).

Em decorrência da hegemonia da emoção na experiência religiosa, os universitários se sentem mais lesados quando percebem que tiveram seus sentimentos manipulados, do que quando se dão conta de que lhes foram apontados argumentos duvidosos. "A emoção é a via mais valorizada na modernidade de contato com o sagrado" (Ribeiro: 2004, p.93).

2.2. Privatização do sagrado

O processo de privatização do sagrado, iniciado na Reforma, se intensificou ao longo da história do cristianismo. A Igreja, como instituição, foi perdendo a sua função de mediadora do sagrado. WILLAIME vê nos cultos televisivos um grau avançado de privatização: a dessocialização. Nessa época de comunicação de massa, a religião é mediatizada única e principalmente

pela técnica, com fracos vínculos comunitários e institucionais (2002, 52). Portanto, o indivíduo ao invés de precisar da instituição para ter um contato com o sagrado, ele o faz, confortavelmente, por meio da TV em sua casa.

O crescimento dos que se declararam “sem-religião” no censo de 2000, parece indicar a “des-institucionalização” da religião e a emergência da chamada “religião invisível” (ANTONIAZZI, 2003, internet). Esses brasileiros não são céticos ou ateus, só não possuem um vínculo formal com nenhuma denominação religiosa. Para ANTONIAZZI, a religião não é mais uma entidade jurídica, uma comunidade de fiéis ou sistema de dogmas, mas uma miscelânea de crenças pessoais que são experimentadas individualmente ou sazonalmente nas mais variadas formas. “Ela vira um patrimônio exclusivo e interior do indivíduo” (1998, 14).

O censo de 2000 ainda revelou que a porcentagem dos que se declararam “sem religião” é maior entre os jovens de 15 a 24 anos (9,3%), do que entre a população em geral (7,4%). (Novaes, 2004, internet). Ribeiro ainda constatou que há um “generalizado esvaziamento na prática ritual, na crença e na pertença religiosa” (2004, p.89). Ele chega a nomear esse comportamento de “sangria ritual”, ou seja, a rejeição de práticas religiosas que não “dialogaram” com a modernidade ou que não se identificam com a opção pessoal do jovem.

2.3. Trânsito e sincretismo religiosos

Libânio chega a afirmar que o jovem pós-moderno quanto a religião, sente-se num grande supermercado, procurando montar um *kit* com as suas práticas religiosas. Esse sincretismo religioso pode contemplar valores cristãos, orientais, africanos, indígenas, esotéricos, entre outros (2004, p.117).

Contrapondo o senso de pertença da modernidade, a pós-modernidade traz um fenômeno que chama cada vez mais a atenção dos especialistas: o trânsito religioso. Com o fim da hegemonia católica, abriu-se um mercado religioso. Para GUERRA,

A lógica mercadológica sob a qual a esfera da religião opera produz, entre outras coisas, o aumento da importância das necessidades e

desejos das pessoas na definição dos modelos de práticas e discursos religiosos a serem oferecidos no mercado (2003, 1).

A junção do consumismo com o pluralismo impõe às igrejas uma flexibilidade para oferecer um menu diversificado e atraente, a fim de se manter no mercado religioso. Por isso, as denominações apresentam uma sofisticação institucional (estruturas empresariais) e um significativo investimento na mídia de massa (VALIANTE: 2000, 10). Exemplos disso são as Igrejas Universal do Reino de Deus e Apostólica Renascer em Cristo, que possuem canais próprios de TV, e do lado católico, os carismáticos que além de TV fechada, têm investido na produção de filmes.

Novaes também observa um trânsito religioso significativo entre os jovens. Segundo ela, a juventude está disposta a mudar de religião, podendo aderir aos movimentos evangélicos, de novas religiões japonesas, budistas, como também aos grupos católicos ligados à teologia da libertação ou mesmo vinculados à Renovação Carismática (2004, internet). Outra constatação pertinente da pesquisa de Novaes é que os jovens que se denominam “sem-religião” dizem acreditar em quase tudo, de Jesus Cristo a orixás, duendes e gnomos (Ibid., internet).

Um estudo feito no primeiro semestre de 2003 pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM), mostrou que um terço dos entrevistados havia mudado de religião (ALMEIDA: 2005, internet). Ademais, percebe-se também um sincretismo ou adesão parcial dos fiéis. Uma pesquisa de 2002, realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do país, mostrou que 25% dos entrevistados freqüentavam mais de uma denominação religiosa, e 12,5% o faziam sempre (ANTONIAZZI, 2003, 75).

DAMACENA e NOVAES sintetizam essa questão

O fato de o indivíduo ter uma “religião desde que nasce”, não significa mais que ele permanecerá em seu interior durante sua vida, nem mesmo é certa sua intenção de transmitir aos filhos uma herança familiar religiosa, caso ele venha a ter filhos. Hoje, a mudança religiosa existe como alternativa e pode ocorrer mais de uma vez na trajetória de vida desses sujeitos. Peregrinar entre diferentes opções religiosas é

uma atitude plausível para parcela de católicos e não católicos (2005, internet).

Ao que tudo indica, “o fiel da contracultura quer ser e sentir-se livre” (BEOZZO: 2004, 40). Essa tônica de liberdade se reflete na conduta, possibilitando, na vida do fiel, um trânsito livre entre o sagrado e o profano. Os neopentecostais advogam uma ética de que é possível “estar no mundo”, nele viver e dele usufruir, sem se considerar “parte do mundo”. “É uma mensagem que inclui-excluindo – própria para os naufragos do neoliberalismo...” (CAMPOS: 2002, 109).

Em suma, a religiosidade manifestada pelos universitários assume uma forma religiosa e secular ao mesmo tempo. Religiosa, porque mesmo no processo de secularização pelo qual o Ocidente passou, as instituições e tradições religiosas ainda se configuram como um estoque simbólico e ético socializador dos jovens. Secular, quando se deparam com a definição de um sentido imediato para a própria vida (Ribeiro, 2004, p.115). Por isso, pode-se observar o conceito secular no uso de expressões próprias do vocabulário religioso. A fé pode assumir a conotação de pensamento positivo, de confiança no próprio sucesso na vida, bem como os ritos religiosos se substituem pelas boas ações.

2.4. Religiosidade do universitário adventista

Se o número de estudos específicos sobre a religiosidade do universitário em geral são ainda escassas, trabalhos dessa natureza com enfoque no adventismo brasileiro praticamente não existem. No entanto procurei coletar informações na bibliografia que, se não podem dar uma radiografia completa de como é a espiritualidade do jovem adventista, pelo menos nos oferece alguns referenciais para que se possam fazer inferências.

Alguns estudiosos têm sugerido que o impacto da religiosidade contemporânea sobre o adventismo já pode ser claramente observado. Haller Schünemann, em sua tese sobre a história social do adventismo brasileiro, atribui o sucesso da IASD, hoje, em boa parte, à capacidade de adaptação do mesmo ao mercado religioso contemporâneo. Para ele, a IASD assumiu, lentamente, um discurso que valorizava mais as questões práticas do cotidiano.

Houve a transição de uma espiritualidade mais intelectual, para uma mais emocional. Tal tendência se observa na ênfase que se tem dado à leitura subjetiva da Bíblia e à experimentação miraculosa do poder de Deus pelo crente. Essa abordagem tem aproximado o adventismo do seu maior concorrente religioso: o pentecostalismo. Evidentemente que, essa postura levanta questionamentos e tensões internas quanto a preservação da identidade da denominação (2002, p.411).

De acordo com o Alberto Timm, o adventismo, historicamente, pode ser dividido em duas fases: bíblico-doutrinária (1844-1980) e bíblico-relacional (1980 -). Para ele, o desequilíbrio na ênfase desse último período tem ameaçado a identidade da IASD. Timm vê reflexos dessa tendência especialmente nos cultos sabáticos dos jovens, já que esses perderam a centralidade na Bíblia, voltando-se mais para um entretenimento. “Lamentavelmente, nunca tivemos uma geração de adventistas tão superficial em seu conhecimento bíblico-doutrinário como a atual” (2001, p.15).

Allan Novaes enxerga esse mesmo fenômeno dentro do adventismo. Ele enumera quatro grandes pressões sobre o ministério jovem contemporâneo: (1) perda da identidade devido à ênfase subjetiva na Bíblia, em detrimento a objetiva; (2) pouca ênfase missionária do ministério jovem, com conseqüente desinteresse dos jovens nesse aspecto; (3) maior aproximação litúrgico-doutrinária entre a IASD e outras denominações evangélicas; (4) programação voltada para o mero entretenimento, pode formar uma geração disposta a sentir, mas não a refletir (2005, p.6)

Outros trabalhos monográficos do curso de teologia também procuraram identificar “sintomas” desse fenômeno dentro do adventismo, agora, de forma mais empírica. A primeira pesquisa que merece destaque foi realizada com jovens de 15 a 35 anos, das igrejas adventistas do interior de São Paulo (Jaguariúna, Águas de Lindóia, Conchal, Hortolândia e Engenheiro Coelho e do campus do Unasp, da mesma cidade), além da igreja do campus da Fadminas, em Lavras, MG. O trabalho procurou avaliar o nível de conhecimento sobre profecias bíblicas da juventude dessas respectivas congregações.

Quando perguntados sobre quando terminava o período profético das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14, 57% disseram ser na Volta de Jesus. Apenas 17% acertaram, e ainda outros 13% disseram que foi na morte de

Jesus ou que não sabiam. (Silva e Vieira, 2005, p.14). E quando indagados sobre quantas são as mensagens angélicas de Apocalipse 14, 46% erraram a resposta. Apesar de se tratarem de números sem validade científica, devido o universo estudo do adventismo, pode apontar para um processo de perda de identidade, tendo em vista que a temática profética está substancialmente atrelada à origem e missão da IASD. Logo, esperava-se que os entrevistados tivessem uma mais abalizada sobre o assunto. Esses números parecem refletir uma religiosidade mais caracterizada pela emoção e baseada numa leitura subjetiva da *Bíblia*.

Já em outra pesquisa, realizada com 45 jovens de 16 a 30 anos, de duas igrejas de Limeira (central e Gustavo Piccine) e uma de Piracicaba (central), constatou que os universitários entrevistados mais apreciam nos cultos jovens. Os hinos foram a opção de 33%, testemunhos (20%), concursos bíblicos (19%), brincadeiras (15%), e 13% optaram pela leitura da Bíblia (Ferreira e Silva, 2005, p.25). Novamente, a preferência por um elemento litúrgico mais emocional, que inspira a subjetividade, se sobrepôs ao elemento de característica mais racional e objetiva (leitura da *Bíblia*).

Por fim, a pesquisa desenvolvida por Adolfo Suárez, com estudantes do Unasp, campus Engenheiro Coelho, é um dos poucos estudos, se não o único, a tratar sobre universitários adventistas. Foram ao todo 126 entrevistados, sendo alunos do segundo ano dos cursos diurnos (Direito e Educação Artística) e noturnos (Ciências Contábeis e Administração de Empresas). Dentre os entrevistados, 50,79% são mulheres e 49,20%, homens. A maioria se declarou solteira, 93,65%, e os outros, disseram ser casados. A filiação religiosa que predominou foi a adventista do sétimo dia (65,07%), seguida pelo catolicismo (21,42%), pelo pentecostalismo (11,93%), espiritismo (0,79%) e sem religião (0,79%).

A pesquisa embrionária de Suárez pretende diagnosticar se há e em que nível se dá o sincretismo religioso entre os universitários do Unasp. A primeira parte do estudo foi publicada em forma de artigo, mas não apresenta ainda todos os dados que interessam ser tabulados e comentados. Num segundo momento, ele pretende comparar as respostas dadas nessa primeira pesquisa, com aquelas que constarão no estudo que ele realizará com as mesmas turmas, por ocasião da formatura delas.

Apesar dos estudantes do Unasp mostrarem um perfil religioso bem diferente do apresentado pelos discentes da PUCSP, Suárez acredita que há um sincretismo latente, a partir da postura dos entrevistados diante de duas perguntas em especial. Quando questionados se incorporavam “coisas boas” de outras manifestações religiosas no seu viver, 46,82% disseram que sim. Logo, mesmo se tratando de um grupo mais “conservador” ou “fundamentalista”, os alunos do Unasp são impactados pelas diversas práticas religiosas existentes. Tal intercâmbio com outras profissões de fé se manifesta em aspectos doutrinários, questões litúrgicas e até comportamentos. Ademais, esse sincretismo latente também parece se evidenciar pelo fato de 35,71% dos entrevistados afirmarem que não existe uma única igreja verdadeira nem uma única verdade religiosa (Suárez, 2006, p.39).

Mesmo não tendo uma pesquisa extensiva sobre os universitários adventistas é possível, inferir por meio desses estudos, que o impacto da religiosidade contemporânea já se faz sentir no arraial da IASD, trazendo desafios e possibilidades para a ação pastoral da mesma. Tal qual quadro pode se configurar um pouco mais preocupante para a liderança adventista, tendo em vista que em 2002, estimava-se que cerca de 75% dos jovens adventistas no mundo em idade universitária, não estudavam em instituições adventistas, como o Unasp (Gonzáles, 2004, p.4). Logo, esses “sintomas” podem se mostra mais intensos para uma maioria universitária que não está sob a influência direta da educação superior adventista. Ao longo da história, em momentos de grande pressão secular sobre o ministério jovem, a IASD costumou reagir com adaptações de sua estrutura administrativa e investimento em produção de materiais e publicações.

3. Mídia e identidade religiosa

A partir da segunda metade do século XIX, o rápido processo de urbanização dos grandes países capitalistas, somado ao desenvolvimento tecnológico, deu origem a uma sociedade de massa, na qual a comunicação passa a ser um elemento fundamental. Os indivíduos tiveram de adaptar-se ao contexto urbano, no qual a percepção da realidade não se dava mais, principalmente, pela interação social. Portanto, nas metrópoles ocidentais a

notícia de massa assumiu o papel de codificador da realidade e instrumento de coesão social (MEDINA: 1978, 19).

Essa onipresença da mídia veio a potencializar o processo de desmoronamento das instituições sociais (família, igreja, escola, etc.), até ali, sólidas, e promover a ascensão e consolidação de novas agências de socialização: o mercado global, a tecnologia informática e a indústria cultural (0000, internet). Os santos que inspiravam devoção e modelo de vida para os jovens, durante o período de hegemonia católica, agora foram substituídos pelos ídolos da mídia, música e esportes, como os novos modelos (Libânio, 2004, p.25).

A cidadania do consumo mundializado molda uma nova identidade, agora universal, hegemônica e caracterizada pelo individualismo (Alves, 2004, p.85). Em outras palavras, a mídia no contexto atual, como porta-voz da economia de mercado se vale de toda tecnologia disponível para massificar um novo tipo de cultura e identidade, sem território, sem língua, sem crença. É a identidade do consumo.

No entanto, apesar dos meios de comunicação intensificarem o processo de individualização e homogeneização da sociedade, o homem não perdeu a sua necessidade de viver em comunidade. Zygmunt Bauman fala sobre um intenso conflito que a humanidade sempre enfrentou, e que se intensificou agora. Os indivíduos oscilam entre a liberdade da individualidade e a segurança da comunidade. Dificilmente, ambas conviverão harmoniosamente, mas são indispensáveis para uma vida equilibrada. Por isso, apesar de vivermos num mundo que experimenta seu clímax de individualismo, ainda ansiamos por uma comunidade. Essa palavra ainda nos soa familiar e aconchegante. É um novo “paraíso perdido” (2003, p.24).

Um reflexo dessa tendência já pôde ser observado na imprensa escrita a partir da década de 1990. Naqueles idos aconteceu o *boom* da segmentação. O mercado das revistas, cada vez mais amparado pelas pesquisas, descobre nichos de atuação. A partir de então, grupos sociais ou classes profissionais passam a ser assediados pelas publicações especializadas. No mundo globalizado, em que simultaneamente a sociedade se fragmenta e se aglutina em guetos, as revistas segmentadas vêm dar a representatividade que os grupos, alguns outrora excluídos, buscam para a própria legitimação diante da

sociedade (MIRA: 2001, 214). Por isso surgem periódicos com público-alvo bem definido, quer fossem eles negros, homossexuais ou evangélicos.

O gênero revista, em especial, parece se adaptar muito bem às mudanças sociais e culturais, já que trabalha com públicos bem segmentados. Outra peculiaridade, que a reforça como uma produtora de sentido, é o seu poder de formação de opinião. Por ter uma estrutura de divulgação mais intensa que os jornais, a revista acaba por ter uma circulação, e conseqüentemente, penetração maior (CARNEVALLI: 2003, 9). Ademais, ela apresenta uma longevidade maior, pois pode ser guardada por muito tempo, além de ser tida, pela diagramação atraente, como um objeto de recordação (VALLADA: 1989, 183). Além disso, é um dos poucos produtos que, se agregado um serviço (entrega por assinatura), o preço não se altera.

Esse novo contexto social, marcado pela mediação dos veículos de comunicação, tem profundo impacto sobre a religiosidade. A maior prova disso é a cultura gospel. Ela é fruto da nova interação dos evangélicos com a mídia. Os escolhidos agora da herança puritana são os consumidores, aqueles que foram abençoados o bastante para terem contato com o sagrado por meio da produção cultural religiosa (Cunha, 2004, p.63). “Nunca o sagrado esteve tão próximo e acessível”. O falar e ouvir a Deus é cada vez mais substituído por ampla gama de produtos midiáticos (Galindo, 2004, p.25).

Além disso, o crescimento dos evangélicos e a negação dos atrativos mundanos feita por eles favorece o surgimento de uma mídia evangélica, que busca promover uma socialização sectária por meio da produção de bens simbólicos e de materiais para a sustentação da fé (Santana, 2005, p.58). A identidade religiosa contemporânea não se dá de modo imutável, como os antigos herdeiros da Reforma que expressavam sua fé por meio de crenças claras. “Num país de cultura católica, ser evangélico requer um constante aprendizado, feito, dentre outras coisas, por meio de produtos de mídia” (Bellotti: 2004, p.110).

Libânio enxerga o uso da comunicação e do marketing como grandes instrumentos de atração e manutenção dos movimentos católicos bem sucedidos com os jovens. Ele acredita que as produções midiáticas “sustentam a interioridade dos jovens e oferecem subsídios para os grupos (2004, p.96). Para que as significações sejam solidificadas e produzam sentido em sua vida,

os universitários “precisam encontrar fora deles a garantia de que suas crenças são pertinentes” (Ribeiro: 2004, p.91). A mídia oferece, muito bem, esse senso de que muitos se identificam com uma crença específica.

Em suma, por terem perdido grande parte do seu status de agência socializadora, a religião se vê agora obrigada a buscar legitimidade pelo uso da linguagem, lógica e espaço midiático. A comunicação se faz um instrumento essencial para a solidificação de uma identidade.

Conclusão parcial

Esse capítulo procurou apresentar, primeiramente, como o ministério jovem adventista foi concebido, consolidado e como se adaptou às inúmeras mudanças culturais com as quais se deparou. Vale destacar que a IASD, diante de crises ou grandes desafios, procura agir mediante mudanças na sua estrutura administrativa e produção de matérias e periódicos. Mostrou-se que é preciso se pensar sobre ações pastorais mais específicas e organizadas para o público universitário, tendo em vista que apresentam desafios e possibilidades específicas.

A segunda parte, traçou, sucintamente, o perfil da religiosidade dos universitários. Viu-se que a mesma se caracteriza, basicamente, por três elementos: (1) ênfase emocional; (2) privatização do sagrado e; (3) trânsito e sincretismo religiosos. Apesar da escassez de trabalhos dessa natureza sobre o adventismo, foram feitas algumas inferências ocorridas no seio da IASD, que fatalmente se refletem no perfil da espiritualidade de seus jovens.

Por fim, procurou-se explicar o papel dos meios de comunicação na mediação das relações sociais, tornando-se um poder praticamente onipotente, que assumiu o status de agência de socialização e produtora de sentido. Descreveu-se como a mídia ajuda a formar e consolidar a identidade religiosa, ajudando na legitimação de grupos outrora marginalizados (evangélicos, por exemplo). Conclui-se que toda denominação religiosa que pretenda contextualizar a sua mensagem para esse tempo e manter um diálogo aberto com a sua juventude, não se pode dar ao luxo de negligenciar o uso da comunicação. No próximo capítulo, analisarei o que IASD tem produzido como bens midiáticos, com destaque para o gênero revista impressa.

CAPÍTULO 2

COMPORTAMENTO EDITORIAL DE *DIÁLOGO UNIVERSITÁRIO*

Esse capítulo pretende descrever o comportamento editorial da revista *Diálogo Universitário*. Para tanto, foi feito o levantamento da frequência temática das capas do periódico, a fim de identificar quais temas e, conseqüentemente, quais dimensões da religiosidade dos universitários tem sido mais contempladas ou não pela revista.

Contudo, antes do levantamento, apresento um breve histórico das iniciativas da IASD em produzir revistas para os jovens brasileiros. O objetivo é mostrar a constante demanda pela produção de bens midiáticos, da parte da juventude, e o desafio de a Igreja não só produzir esses materiais, mas de fazê-los cada vez mais específicos e pertinentes às necessidades de sua membresia. A visualização desse panorama histórico deixa mais evidente a importância de se avaliar, freqüentemente, a relevância daquilo que se publica para os universitários adventistas.

1. Revistas segmentadas para o público jovem

1.1. *Mocidade*

A iniciativa da Igreja Adventista no Brasil em publicar uma revista para o público jovem já vem dos idos da década de 1930. O primeiro título lançado recebeu o nome de *Juventude*, com periodicidade quinzenal e dirigida quase que exclusivamente para o público interno. Foi publicada de 1936 a 1940 (Pinheiro: 1990, p. 37).

No entanto, o projeto de uma revista para jovens ressurgiria em fevereiro de 1958, com o lançamento de *Mocidade*. A idéia foi do pastor Jairo Araújo, então líder dos jovens adventistas para a América do Sul. O plano logo contou com o apoio com o departamento de colportagem, que incluiu o título como um dos produtos a serem oferecidos nas escolas fundamentais e secundárias. A revista surpreendeu com a sua tiragem inicial: 65. 400 exemplares, mantendo uma média mensal de 50 mil. Já em 1987, em três meses diferentes, a revista alcançou o recorde de tiragem de 101 mil números. E em 1990, estimava-se que 80% dos assinantes não eram adventistas.

A revista foi lançada com o slogan “roteiro e bússola da juventude adventista”. O primeiro editorial, assinado por Raphael de Azambuja Butler, discursava numa linha de reforço do lema da publicação. O editor da mesma, assim sintetizou sua linha editorial: “*Mocidade* pretende ser esse roteiro, seguro e certo, a elevar as almas jovens; o amparo do trôpego; o sustentáculo do vacilante; a agulha imantada dos ideais, a apontar indefectível para o norte absoluto das nobres aspirações” (Butler: 1958, p. 2). O periódico contemplava temas como religião, ecologia, profissões, relacionamentos, sexo, psicologia, drogas, entre outros. Mas em 1988, por conta de seu aniversário de 30 anos, a revista mudou sua linha editorial, assumindo um formato mais dinâmico e se voltando para adolescentes de 13 a 19 anos (Pinheiro: 1990, p. 37). O enfoque agora era muito mais escolar, focando estudantes e professores.

1.2. *Superamigo*

A edição experimental da revista *Superamigo* circulou no primeiro semestre de 1994, para que a editora testasse a receptividade do mercado. O objetivo não era exatamente substituir a *Mocidade*, que via sua tiragem despencar, mas atingir um novo público: os adolescentes. A razão era clara. A revista *Nosso Amiguinho*, focada no público infantil, tinha boa aceitação e fidelidade de seus assinantes, logo, era objetivo da editora CPB manter essa cartela de clientes depois que mudassem de faixa etária.

Saia assim, em julho de 1994, o primeiro número de *Superamigo*. Durante 1995, a tiragem mensal média foi de 33 mil exemplares. O público majoritário era de não adventistas tendo em vista que a maioria das assinaturas eram feitas pelos representantes da editora (colportores).

Sueli de Oliveira, sua ex-editora-chefe resume a linha editorial do periódico “tratava-se de uma revista com a diversidade buscada pelo adolescente. Em nossa pauta, figuravam aventuras, passeios, calendários, namoro, relacionamento com os pais e irmãos, escolha profissional, rotina escolar e testes variados” (Oliveira: 2007).

O último número da revista saiu em junho de 1998, devido a tiragem insuficiente para o auto-sustento, na época cinco mil exemplares por mês. *Superamigo* durou exatos quatro anos.

1.3. *Conexão J.A*

Desde 1998, com o fim da Superamigo, os jovens, essa importante fatia da membresia adventista ficou desprovida de um periódico específico. Somente em 2006, na gestão do pastor Erton Köhler, então líder dos jovens para a América do Sul, surgiu a revista *Conexão JA*. Com a proposta de colaborar para reforçar a identidade denominacional dos jovens, sem deixar de interagir com a cultura na qual eles estão inseridos.

Segundo o editor da revista, Michelson Borges, a proposta editorial, as seções, bem como o nome do periódico nasceram de uma reunião da equipe de redação com os líderes do departamento de jovens de todas as regiões (Uniões) do Brasil. Esses pastores apontaram as principais necessidades que na visão deles precisavam ser atendidas.

A equipe optou por um público entre 18 e 25 anos, especialmente universitário. Essa decisão se deu porque se optassem focar nos adolescentes, os mais adultos não se interessariam pelas temáticas, enquanto que o inverso acontece. Mesmo abordando assuntos mais densos, a *Conexão JA* tem a proposta de ser diversificada, tratando da vida multifacetada do jovem, por isso, aborda questões ligadas à saúde, esportes radicais, mercado de trabalho além de resenhas de livros, CDs e filmes. O projeto buscou um parâmetro em outras revistas congêneres evangélicas, em especial o periódico para os jovens adventistas americanos, a *Insight*.

A edição piloto foi lançada no final de 2006, com uma tiragem de dez mil exemplares. O slogan adotado foi a “revista do jovem que pensa”. A *Conexão JA* nasceu com o objetivo de ajudar os jovens em sua vida devocional, mas sem limitar-se aos assuntos essencialmente espirituais, tratando de modo integral das necessidades da juventude, e promovendo um diálogo da cosmovisão adventista com a cultura secular (Michelson: 2006, p. 2). Já o pastor Köhler disse que a revista é voltada para aqueles jovens que são muito atarefados, mas que almejam um periódico dinâmico e atualizado (Köhler: 2006, p. 2).

Por focar o público universitário, essa revista também merece uma descrição editorial um pouco mais detalhada. Além da número zero, a CPB lançou mais quatro números, sendo a sua periodicidade trimestral. As matérias de capa abordaram até aqui os seguintes temas: o uso sábio da internet,

sexualidade para solteiros, a existência de Deus, o cristão e a vaidade e o papel escatológico da mídia.

Uma análise panorâmica da revista nos permite fazer algumas considerações positivas e negativas sobre o periódico. Conexão JA foi muito bem avaliada pelos seus leitores. Um resumo das opiniões expressas na seção de cartas, aponta a seguinte relevância da publicação: (a) um auxílio para a vida acadêmica e profissional; (b) um recurso para as reuniões jovens; (c) uma ferramenta para a consolidação da identidade confessional; (d) suprir uma lacuna deixada pelas revistas Mocidade e Superamigo; (e) proporciona enriquecimento espiritual; e (f) discute temas que nem sempre são abordados na igreja e em casa.

Borges faz um balanço das principais conquistas e desafios da revista após um ano em circulação

Conseguimos consolidar a "cara" da revista, com um design moderno sem ser vulgar. Também conseguimos equilibrar os temas religiosos com os culturais (seculares), tocando em assuntos que, cremos, refletem o dia-a-dia e as preocupações do jovem adventista. Mas ainda precisamos alavancar as assinaturas, tornar a revista mais conhecida e reformular e dinamizar o site www.conexaoja.com. (2007, internet).

Dentre os pontos altos da revista estão: (a) a sua proposta editorial, cujas seções contemplam vários aspectos da vida do jovem; (b) sua característica prática, pois todas as matérias de capa trazem boxes com dicas ou recomendações; (c) as pautas também procuram dar uma representatividade nacional à revista, entrevistando jovens de todas as regiões do país. No entanto, alguns aspectos parecem destoar do público-alvo. A revista não tem conseguido fugir de um discurso meramente institucional, deixando a desejar na base bíblica que apresenta para os seus posicionamentos e nem aprofundando a discussão com estudos específicos. A abordagem parece mais próxima dos adolescentes que dos jovens adultos.

1.4. Diálogo Universitário

Por sua vez, a vez a revista *Diálogo Universitário* surgiu em 1989. Produzida pela Comissão de Apoio para Universitários e Profissionais Adventistas (Caupa), nasce com um público-alvo bem definido, evidentemente

os universitários e profissionais adventistas. Com uma periodicidade quadrimestral, três edições por ano, *Diálogo* já acumula 57 números e 18 anos de história. Desde o seu início, *Diálogo* é publicada simultaneamente em quatro línguas: inglês, francês, espanhol e português. Conta com uma tiragem de 30 mil exemplares e é distribuída em 118 países. A publicação nasceu como slogan de uma revista “internacional de fé, pensamento e ação”. Em seu primeiro editorial, a equipe da redação justificou o surgimento da revista pelo número de crescente de universitários ao redor do mundo e pelo desafio de atender as necessidades e desenvolver o potencial desse grupo específico (Diálogo 1:1, p. 2).

O periódico foi lançado com o objetivo de ministrar aos jovens em três aspectos: (a) *Conhecer melhor a fé* – mostrar a singularidade da cosmovisão adventista e como ela enxerga a cultura secular, estimulando os jovens a crescerem simultânea e consistentemente no conhecimento de Deus e no acadêmico-profissional (ênfase cognitiva); (b) *Viver melhor a fé* – desafiar e instruir o jovem a ser ativo e útil na sociedade em que está inserido, levando-o a se posicionar e atuar em coerência com a fé adventista (ênfase ética); e (c) *Compartilhar melhor a fé* – apresentar material de estímulo e capacitação para o testemunho pessoal do universitário, ensinando-o a usar abordagens pertinentes ao contexto contemporâneo (ênfase missionária) (Ibidem).

A primeira edição contemplava as seguintes seções: *Artigos em destaque* – matérias com os temas principais da revista, escritos por especialistas de cada área. Em raras oportunidades, essa seção trouxe entrevistas; *Perfil* – dedica-se as entrevistas com profissionais adventistas que se destacam em seus países, sempre com o enfoque de como testemunham e vivem a própria fé no contexto em que estão inseridos; *Logos* – espaço destinado para devocionais e motivacionais; *Vida universitária* – orientações para o testemunho no ambiente universitário; *Em ação* – seção destinada para notícias sobre o trabalho de universitários adventistas ao redor do mundo; *Associações profissionais* – descrição e endereço de grupos de profissionais adventistas que procuram correspondentes em outras partes do mundo para interagir sobre os desafios e possibilidades de testemunho específico para a sua classe profissional.

Ao longo de sua história, *Diálogo* apresentou poucas mudanças em suas seções, dentre elas, na sua segunda edição (*Diálogo* 1:2) entrou a editoria *Em primeira pessoa*, um espaço para testemunhos pessoais de estudantes, profissionais e professores universitários. Já na sua primeira edição de 1990, ou seja, seu segundo ano, o periódico trouxe um espaço para intercâmbio internacional, editoria que trazia nome, endereço e assuntos de interesse para estudantes que gostariam de se corresponder. No número seguinte (2:2) entrou a seção *Etcetera*, que trazia uma tira de humor ou charge sobre um tema ligado a edição ou ao mundo universitário. Por sua vez, em 1996 foi acrescentado a seção *Fórum aberto*, destinada a responder perguntas éticas ou doutrinárias enviadas pelos leitores à redação.

2. Comportamento editorial de *Diálogo Universitário*

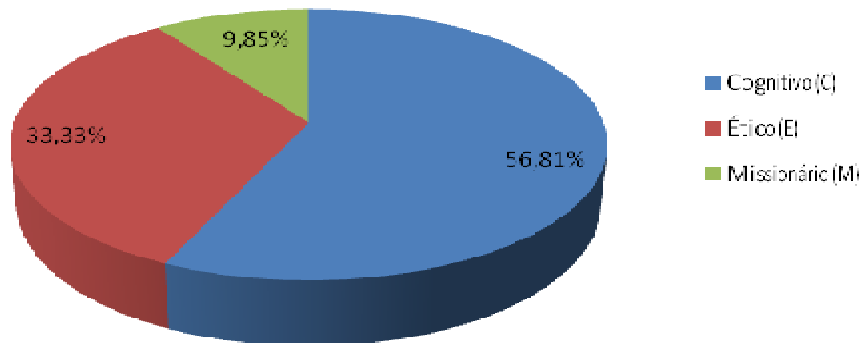
Para alcançar o objetivo proposto por essa pesquisa, de verificar a pertinência dos temas abordados pela *Diálogo* para a vida dos universitários adventistas, pede-se uma análise freqüencial dos temas de capa do periódico, ou seja, quantificar quantas vezes certos assuntos são publicados na revista. Para essa análise, a pesquisa limitou seu objeto de estudo às matérias da seção *Artigos em destaque*, já que essas são as mais importantes da edição por ocuparem uma chamada na capa e disporem de mais espaço no interior da revista. Vale ressaltar também que esse estudo procurou levantar os temas das 57 edições, no entanto, três não puderam ser analisadas, o terceiro número de 1989 e os dois últimos de 2007, já que o autor não teve acesso às mesmas. No entanto, devido essas edições faltantes representarem apenas 5,26% do universo estudado, acredita-se que não comprometa sensivelmente os resultados desse trabalho.

Para facilitar a análise e verificar quais aspectos da vida do universitário foram mais contemplados pela revista em suas capas, foi conveniente definir algumas categorias. As três principais partiram da proposta editorial inicial de *Diálogo*, ajudar os leitores a conhecerem (aspecto cognitivo), viverem (aspecto ético) e compartilharem (aspecto missionário) melhor a própria fé. Elas recebem as respectivas siglas: C, E e M.

Diálogo parece fazer jus ao *slogan* de ser uma revista de “pensamento”. É evidente a sua ênfase no aspecto cognitivo. De todos os artigos catalogados, total de 213, em 54 edições, 56,81% trazem uma abordagem intelectual (ver Gráfico 1). Em seguida, vem a preocupação da revista com o aspecto ético, que ocupa 33,33% de sua pauta. Por fim, os assuntos referentes a planos, metas e técnicas missionárias ocupam 9,85% das matérias de capa de *Diálogo*.

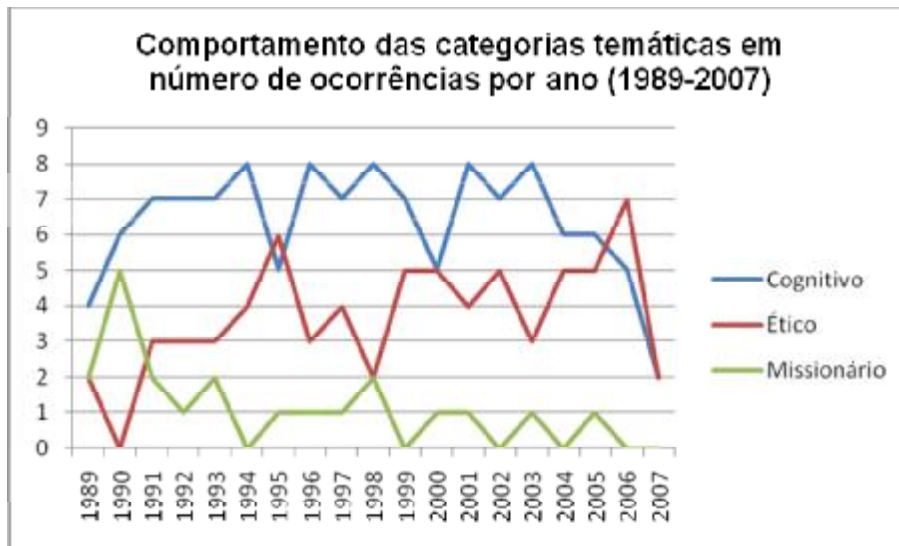
Gráfico 1

Representatividade de cada categoria temática no universo analisado (%)



Quanto ao comportamento editorial da revista, vale destacar a frequência com que as temáticas ocorreram, entre 1989 e 2007. A categoria Cognitiva (C) se apresentou numa frequência constante, com pequenas quedas nos anos 1995, 2000 e 2006. Chegou a ter oito artigos publicados no mesmo ano, em cinco oportunidades (ver Gráfico 2). Além disso, alternou o espaço com a pauta Ética (E), já que a Missionária (M) reduziu bastante a sua representatividade após os primeiros anos. Por sua vez, a categoria Ética (E) cresceu significativamente após 1993, mantendo-se constante e atingindo seu pico em 2006, com sete artigos. Por fim, a categoria Missionária (M) se mostrou significativa apenas nos dois primeiros anos, quando estava em voga o plano Missão Global. No decorrer dos demais anos, ela se manteve com um artigo por ano.

Gráfico 2



No entanto, por essas áreas serem ainda muito abrangentes, convencionou-se dividi-las em subcategorias a fim de que se tivesse uma apuração mais precisa do comportamento editorial da revista. Abaixo, segue uma descrição das subcategorias, bem como a descrição de sua freqüência no período analisado.

3.1. Subcategorias dos temas cognitivos

3.1.1. Científica (CC)

Trata do diálogo entre o conhecimento científico e a teologia. Discorre sobre a natureza, pressupostos, metodologia, história e limitações da ciência. Defende o paradigma criacionista, apresentando na maioria de suas ocorrências, evidências desse modelo conceitual. Um exemplo é a matéria “Pegadas na areia do tempo” (02:1994). Representa 37,19% das ocorrências de sua categoria (ver Gráfico 3). Essa temática praticamente sempre esteve presente na revista, oscilando em sua freqüência até a metade da década de 1990, depois se mantendo constante, alcançando seu clímax em 2003, com quatro artigos no ano.

3.1.2. Doutrinária (CD)

Discorre sobre as questões diretamente relacionadas a fé adventista, como doutrinas, história da igreja, estudos sobre temas ou livros específicos da

Bíblia. O artigo “As quatro faces de Jesus” (03:2002), por exemplo, discute a necessidade de quatro relatos sobre o mesmo personagem: Cristo. Essa subcategoria é a segunda mais freqüente na sua categoria, com 26,45% dos artigos. Ela apresentou um crescimento constante desde o início da revista até 1998, quando decresceram um pouco, mas mantiveram certa freqüência nos anos 2000.

3.1.3. Filosófica (CF)

Aborda os pressupostos, coerência, exclusividade e relevância da visão de mundo adventista em contraste com as demais, especialmente com um contraponto à proposta de relativismo ético-filosófico da pós-modernidade. Nessa temática predomina a abordagem filosófica, como exemplo se tem a matéria “Formando uma visão de mundo” Essas pautas representam 14,88% das ocorrências da categoria, tendo uma freqüência irregular, ocorreu mais no início da história da revista, em meados de 1990 e até 2005, não aparecendo nos últimos dois anos.

3.1.4. Ciências humanas (CCh)

Apresenta um diálogo da cosmovisão adventista com as ciências humanas, especialmente com a psicologia e a história. No caso da arqueologia, destaca como essa ciência tem contribuído para confirmar a veracidade do relato bíblico. Uma matéria com essa abordagem é a “Jesus Cristo: mito ou história?” (01:2004). Esses artigos, que representam 8,26% das ocorrências, apresentaram um comportamento bem irregular, tendo dois momentos de relativa constância, os anos de 1996 a 2001 e 2003 até agora.

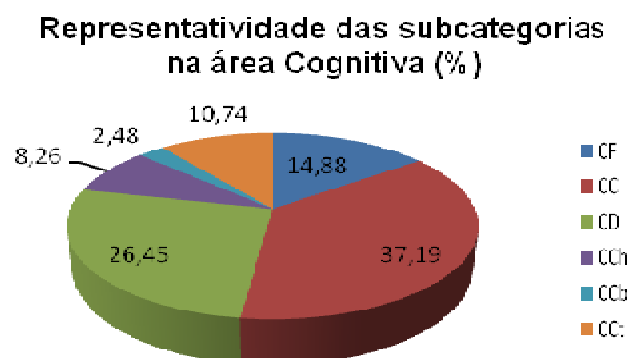
3.1.5. Culturais (CCt)

Pautas que apresentam como grandes intelectuais e artistas manifestaram a própria fé e qual o aprendizado espiritual da experiência ou das obras desses para os adventistas. O artigo “Rembrandt: a jornada espiritual de um artista” (01:1996) é um exemplo dessa temática. Têm 10,74% das ocorrências. Foram muito comuns até 1995, praticamente desaparecendo depois dessa data.

3.1.6. Ciências biológicas (CCb)

Aborda como as ciências biológicas dialogam com a cosmovisão adventista. Distingue-se das pautas sobre criacionismo pelo fato de focar áreas menos afetadas pelo evolucionismo, mas que apresentam alguma contribuição para o estilo de vida adventista, como a medicina. Como exemplo, a matéria “E. G. White, médica?” (01:1991). Essa temática foi a menos expressiva da categoria (2,48%), ocorrendo três vezes, somente até 1996.

Gráfico 3



3.2. Subcategorias dos temas éticos

3.2.1. Relacionamentos (ER)

Aborda assuntos sobre relacionamentos intra e interpessoal, com ênfase para namoro, casamento e ética sexual para solteiros. Um exemplo é o artigo “Amor ou paixão cega?” (02:2006). Destaca-se como o tema mais recorrente em sua categoria, com 38,03% das ocorrências (ver Gráfico 4). Essa pauta se comportou irregularmente no início da história da revista, cresceu significativamente no final da década de 1990, chegando a quatro artigos no ano 2000, e se consolidando nos últimos anos com duas ocorrências anuais.

3.2.2. Saúde (ES)

Contempla questões ligadas a filosofia de saúde adventista, com temas como depressão, estresse e vegetarianismo. Um exemplo dessa subcategoria é o artigo “Eu: uma vegetariana?” (01:1994). Essa matérias correspondem a 15,49% das ocorrências. Mostraram-se inexistentes até 1999, consolidando-se após essa data e alcançando picos nos últimos dos anos.

3.2.3. Bioética (EB)

Aborda questões ligadas a postura adventista em relação à vida do homem e dos animais, bem como diante dos avanços biotecnológicos e da preservação ambiental. Um artigo nessa linha é o “Experimentos com seres humanos: uma perspectiva cristã” (03:1998). Aparece em terceiro lugar na sua categoria, com 12,68%. Teve uma frequência muito irregular, praticamente só aparecendo entre os anos de 1994 e 1999, talvez como um reflexo da preocupação ambiental despertada pelo encontro conhecido como Eco 92, no Rio de Janeiro, e pela polêmica sobre a clonagem da ovelha Dolly, em 1997.

3.2.4. Entretenimento (EEt)

Contempla artigos sobre a postura do cristão diante da indústria cultural, com especial atenção para os meios de comunicação de massa. “Os adventistas e o filme: um século de mudanças” (01:1993) segue essa proposta. Figura em quarto lugar (11,27%). Apresenta uma frequência muito irregular, com dois picos mais significativos, um em 1994 e outro em 2005, com a publicação de dois artigos em cada um desses anos. Esse comportamento tímido de *Diálogo* estranha um pouco, devido o grande interesse que os universitários têm pelo consumo de mídia.

3.2.5. Responsabilidade social (ERs)

Discute a postura e a atitude do adventista diante de questões de interesse coletivo, como política, racismo, assistência social e violência doméstica. Uma matéria com esse enfoque é a “Há um papel para os adventistas na política?” (03:1996). Contabilizam 9,86% das ocorrências. Têm uma frequência também bem irregular ao longo de toda a história da revista, alcançando o seu pico em 2006, com dois artigos.

3.2.6. Estilo de vida (EEv)

Pauta que aborda os mais variados temas sobre a conduta adventista, como vestuário, finanças, suicídio, entre outros. Um exemplo é a matéria “O cristão e os negócios: além da honestidade” (01:2005). Ocorrem 8,45%. Foram publicadas ocasionalmente ao longo da trajetória de *Diálogo*.

3.2.7. Devocional (ED)

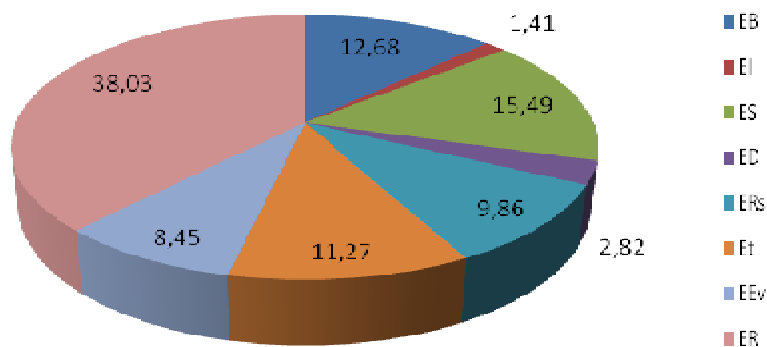
Apresenta respostas existenciais aos problemas humanos, tem um caráter mais devocional-motivacional. Essa é outra temática que poucas vezes ocorreu, apenas duas, com os artigos “Quando Deus derrama lágrimas” (01:1995) e “Conhecendo a vontade de Deus para minha vida” (01:2006). Representam apenas 2,82% das ocorrências, aparecendo apenas duas vezes, em 1995 e 2006. Essa baixa frequência pode se explicar pelo fato de *Diálogo* já ter outras seções destinadas a esse aspecto mais existencialista da fé, no entanto, não descarta a leitura que nesse ponto, a revista negligencia uma necessidade bem peculiar dos jovens contemporâneos.

3.2.8. Institucional (EI)

Trata de casos que envolvem a imagem da IASD. Houve apenas um ocorrência dessa temática, logo na segunda edição (02:1989), que discorreu sobre as informações deturpadas divulgadas pela imprensa sobre a família adventista australiana Chamberlain. Representa apenas 1,41% das matérias éticas.

Gráfico 4

Representatividade das subcategorias na área Ética (%)



3.3. Subcategorias dos temas missionários

3.3.1. Institucional (MI)

Trata do crescimento mundial da IASD, bem como dos planos, estratégias e metas da mesma. Alguns desses artigos enfocaram como o universitário poderia se engajar no plano institucional, como “A Missão Global e

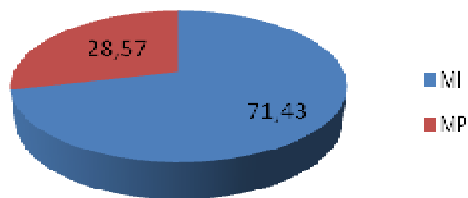
você” (01:1993). É a mais representativa com 71,43% das ocorrências (ver Gráfico 5). Teve o seu pico no ano 1990, provavelmente, em virtude da mobilização da Igreja em torno do plano Missão Global, decrescendo posteriormente, e tendo nas últimas edições ocorrências irregulares.

3.3.2. Pessoal (MP)

Contempla artigos motivacionais e de orientação quanto às técnicas para o testemunho pessoal no ambiente universitário e de alcance a grupos específicos, como os judeus e hindus. O artigo “Deus ama a cidade de tal maneira!” (01:1997), por exemplo, fala sobre o evangelismo em grandes centros.

Gráfico 5

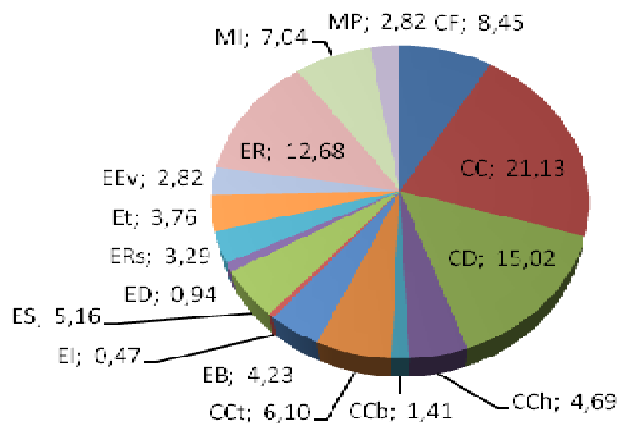
Representatividade das subcategorias na área Missionária (%)



Por fim, vale destacar a representatividade das subcategorias no universo total de análise, pois elas apontam para as maiores peculiaridades editoriais da revista. A proposta acadêmica e com ênfase racional é evidenciada pelas duas temáticas mais comuns da revista: a Científica (CC) com 21,13% e a Doutrinária (CD), com 15,02% das ocorrências (ver Gráfico 6). O discurso contracultural quanto ao estilo de vida também pode ser observado na significativa ocorrência da subcategoria Relacionamentos (ER), que além de tratar de namoro e casamento, defende uma conduta conservadora quanto a sexualidade. Uma última característica que merece nota é a freqüência do discurso com forte teor de adesão do universitário para os planos da Igreja, na subcategoria Institucional (MI), com 7,04% das ocorrências, ocupando assim o quinto lugar entre os temas mais recorrentes.

Gráfico 6

Representatividade de cada subcategoria temática no universo analisado (%)



4. Conclusão parcial

Esse capítulo procurou mostrar, inicialmente, as várias tentativas da IASD no Brasil de consolidar uma revista para o seu público universitário. Essa empreitada começou em 1936, com a revista *Juventude*, passando por 1958 com a *Mocidade*, 1994 com a *Superamigo* (uma opção mercadológica pelos adolescentes), e agora, um novo investimento com a *Conexão JA*, que procura voltar a prestigiar o público jovem adulto, especialmente universitários.

Apesar de ser cedo para uma avaliação conclusiva, apenas um ano em circulação, a *Conexão JA* parece já demonstrar seus pontos fortes, como a diversidade e pertinência das pautas, busca de interação com os leitores, representatividade nacional e caráter prático de suas matérias. No entanto, deixa a desejar naquilo que a *Diálogo* tem de sobra: conteúdo abalizado. Ao que indica, à primeira vista, ambas revistas parecem ser complementares. A *Conexão JA* com um formato popular, proposta gráfica moderna e caráter prático das matérias. Já a *Diálogo*, se mostra com a hegemonia do texto sobre a imagem, trazendo artigos e reflexões das mentes mais destacadas do adventismo mundial, assumindo uma identidade claramente acadêmica, e não jornalística.

O levantamento freqüencial possibilitou tecer uma descrição do comportamento editorial da revista. *Diálogo* tem claramente optado por

ênfatizar os aspectos cognitivos e éticos, por meio de temas como criacionismo, doutrinas e história denominacional, princípios para o casamento e sexualidade e cosmovisão adventista. Também concede um bom espaço à voz institucional, especialmente quando trata da missão adventista, com a promoção de projetos evangelísticos da Igreja Adventista mundial.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EDITORIAL DE *DIÁLOGO*

Esse capítulo pretende analisar o comportamento editorial de *Diálogo* o contrastando com o perfil da religiosidade contemporânea dos universitários, além de avaliar a sua sensibilidade e relevância aos principais desafios e possibilidades apresentados por um ministério para os universitários.

1. Uma postura contracultural

A revista apresenta uma linha editorial contracultural, ou seja, na contramão das peculiaridades da religiosidade atual, levantadas no primeiro capítulo: ênfase emocional, privatização do sagrado e trânsito e sincretismo religiosos. *Diálogo* tem um caráter eminentemente racional, evidenciada pela sua proposta editorial e gráfica. A primeira fica clara com a preferência pelos artigos da categoria Cognitiva (C), que representam 56,81% das matérias de capa. A segunda, verifica-se no modelo adotado, muito mais próximo de uma revista acadêmica (*journal*), caracterizada pela hegemonia do texto e por um caráter mais reflexivo, em contraste com estilo jornalístico (*magazine*), com o predomínio de imagens e infografia e uma abordagem mais popular.

Apesar de propor uma interação com o leitor, a começar pelo nome *Diálogo*, não hesita em apoiar a dimensão objetiva e absolutista da fé. Essa postura editorial parece provocar uma reação favorável do seu público, que pede por respostas seguras em meio a “areia movediça” do relativismo contemporâneo. É verdade que essa pesquisa não analisou todas as seções da revista para ver se essa linha mais racional guia toda a publicação, no entanto, somente pelo fato de essa abordagem caracterizar boa parte dos artigos principais do periódico, já é um forte indício da linha editorial do mesmo.

Quanto à privatização do sagrado não é diferente. A revista tem um forte caráter institucional também. Na definição de seu próprio *slogan*, pretende ser uma porta-voz do “pensamento, fé e ação” que a IASD deseja que os universitários assimilem. Logo, assume um forte discurso institucional. Outra constatação nesse sentido são os artigos de cunho missionário. Dentre eles, 71,43% tratam dos planos e metas evangelísticos da Igreja Adventista,

enquanto que, apenas 28,57% abordam esse mesmo aspecto do ponto de vista do membro individual.

HASI confirma essa postura da revista. Acredita que ela tem ajudado a formar uma “agenda global de pensamento adventista” (2007). Acrescenta que ficou sabendo de muitos líderes de jovens que usam os artigos para realizarem programas e debate em suas igrejas locais. Hilda Paiseco, Hortolândia (SP), na época estudante de contabilidade, testemunhou que a revista lhe ajudou a entender melhor a igreja, seus projetos e membros (02:1996).

Ademais, *Diálogo* tende a explorar pouco o aspecto da interatividade com o leitor. O espaço para tal diálogo se restringe a seção *Cartas e Fórum aberto*. Na primeira, os universitários podem mandar suas observações sobre a revista, enquanto na segunda, abre-se a oportunidade para que o estudante tenha as suas dúvidas respondidas. Talvez o espaço mais privilegiado para a interação, que é o site da revista, também não contempla esse aspecto, pois apenas disponibiliza alguns artigos e matérias já publicados³.

Diálogo também parece combater o sincretismo e transito religiosos. Enfatiza a cosmovisão (8,45%), discutindo os pressupostos, coerência e exclusividade da visão de mundo adventista. Quanto à doutrina (15,02%) destaca temas ligados as crenças e história da igreja e defende um estilo de vida (33,33%) contracultural. Essa opção editorial tende a indicar um esforço em resguardar a identidade confessional dos universitários, instruindo-os quanto à singularidade da fé que professam.

Humberto HASI tornou sua posição quanto a nova religiosidade de maneira bem clara. Para ele, a *Diálogo* tem que manter sua fidelidade editorial à identidade e missão adventistas, não importando as tendências culturais. Para ele a vida cristã tem duas dimensões, a doutrinária (valores e convicções) e a emotiva (intimidade com Deus, pessoal e subjetiva). Ele acredita que a *Diálogo* procura equilibrar esses dois aspectos (2007).

Essa linha conservadora assumida pela *Diálogo*, é vista por Philip JENKINS como uma tendência a se popularizar, como um discurso incorporado pela “nova cristandade”. Ele vê que o mapa da fé cristã terá uma configuração bem diferente nos próximos anos. A perspectiva é que o cristianismo continue

³ Para uma observação mais atenta do conteúdo e dinâmica do site, acesse: <http://dialogue.adventist.org>.

a crescer na América Latina, África e Ásia, que se estabilize na América do Norte e continue a regredir na Europa. O mais interessante, no entanto, é que as denominações que mais crescem e crescerão, são as tradicionais em suas crenças e estilo de vida (2004, p. 32).

2. Sensibilidade aos grandes desafios universitários

Esse capítulo também pretende analisar o comportamento editorial à luz dos desafios e possibilidades peculiares ao ambiente universitário. Dentre os principais assédios estão as teorias ético-filosóficas, o embate entre ciência e religião e pressão sobre a conduta sexual. Esses desafios parecem ameaçar diretamente a identidade denominacional da juventude

Quanto a secularização, Nancy PEARCEY cita uma entrevista de opinião pública do instituto Zogby, que constatou que 75% dos universitários americanos formandos, foram ensinados pelos professores que não há divisão entre certo e errado em sentido universal ou objetivo. Logo, esses docentes defendem que os valores variam conforme a individualidade e diversidade cultural em que se está inserido (2006, p.128).

A revista parece exatamente enfatizar essas três temáticas. Quanto à primeira ameaça à fé cristã, o periódico costuma combater o relativismo ideológico e prático, ao enfatizar a exclusividade e coerência da filosofia (8,45%) adventista, bem como por dedicar bom espaço para discussões éticas específicas sobre o estilo de vida adventista. Gianna Gomes Ferreira, uma universitária de Pernambuco, em uma carta que enviou para a redação, diz que estudando numa universidade federal, necessita muito dos argumentos filosóficos oferecidos pela *Diálogo* (03:2001).

João LIBÂNIO vê o conflito entre ciência e fé como um dos grandes embates que o jovem enfrenta quando entra no ensino superior. Muitos se deparam com as críticas de filósofos, cientistas e professores que acabam lhes abalando a fé. Para ele, não preparar esses jovens para o ambiente hostil da universidade para com a religião, é formar futuros ateus (2004, p. 44).

Quanto a essa temática, *Diálogo* se mostrou especialista. Indiscutivelmente, é o ponto mais enfatizado pela revista. Prova disso, é que das 54 edições verificadas, 42 trazem alguma matéria com a temática Científica (CC), sendo que dessas, três números apresentam dois artigos com

esse assunto. As pautas sobre o diálogo entre ciência e religião (CC) somam 37,19% da categoria Cognitiva (C), e representam 21,17% do universo total. Anderson Luiz Marotti, então estudante em Maringá, PR, se dizia esmagado pelas teorias naturalistas ensinadas na faculdade e por isso se sentia muito ansioso para receber mais um número da revista (02:2004).

Libânio também afirma que o jovem se depara com uma reavaliação da sua conduta sexual. Especialmente os que tiveram uma educação tradicional, procuram agora conciliar a sua visão sobre a sexualidade, recebida em casa e na igreja, com a que é estimulada a exercer no ambiente da faculdade. Ademais, ele começa a procurar respostas imediatas para as suas questões afetivas. A religião, de modo geral, parece pedir muito para o agora, sendo que pode recompensar só no amanhã, na vida eterna (2004, p.98).

Diálogo também mostra preocupação em relação aos relacionamentos amorosos dos universitários. Dentre os assuntos da categoria Ética (E), os ligados aos Relacionamentos (ER), incluindo os que abordam a visão adventista do sexo, correspondem à parcela majoritária de 38,03%, e de 12,68% do universo total de artigos catalogados.

3. Contribuição quanto às possibilidades

Já no que tange às possibilidades oferecidas pela formação universitária ao jovem cristão, está a potencialização de um testemunho contundente no ambiente acadêmico e no mercado de trabalho e um serviço mais qualificado para a Igreja, seja remunerada ou voluntariamente.

Por estar em um ambiente no qual são ensinados e discutidos temas ligados a ciência, artes, cultura, política e ética, vez ou outra o universitário cristão se vê numa encruzilhada entre assimilar os aspectos negativos da cultura secular ou de modificá-los. Charles COLSON e Nancy PEARCEY entendem que a grande comissão dada por Jesus aos discípulos e a todos os cristãos, não se restringe a uma atuação e pregação puramente espiritual, mas a um chamado para se impactar a cultura na qual se está inserido. Logo, a mudança de vida provocada pelo evangelho não se dá apenas na vida privada do crente, mas na sua atuação e influências sociais (2006, p.10).

A revista contempla essa temática também, ao abordar subcategorias como Culturais (CCt), 6,10%, as quais discorrem sobre artistas e intelectuais que expressaram a própria fé por meio de sua produção cultural. Outra pauta que trata dessa interação com a cultura é a de Responsabilidade social (ERs), 3,29%, que trouxe artigos que orientaram os leitores sobre como atuarem na sociedade em questões como racismo, violência doméstica e posicionamento político.

Os universitários podem dar um testemunho contundente no meio acadêmico e no mercado de trabalho, por meio da harmonia entre uma conduta cristã e a competência profissional. Segundo Ellen White, uma das fundadoras do adventismo, os jovens não devem alimentar a idéia que o sucesso só é possível com o sacrifício dos princípios cristãos (2006, p.38). Ela não vê incompatibilidade entre êxito no trabalho e fidelidade a Deus, pelo contrário, aconselha os jovens cristãos a não serem medíocres. Para White, não é errado o adventista almejar reconhecimento secular (Ibid., p.36). Diálogo também segue essa linha mediante as suas seções Perfil e Primeira Pessoa, que tratam de pessoas que conseguiram sucesso profissional e acadêmico com integridade espiritual.

Ellen White ainda defende que os jovens adventistas precisam ter em mente que a vida, em todas as esferas, deve ser norteadada em função do serviço abnegado. Usar habilidades, oportunidades ou conhecimento como um fim em si mesmo, para mero proveito individual, é considerado traição contra Deus e fracasso na missão de beneficiar a humanidade (Ibid., 41).

Os adventistas, assim como os demais protestantes que se estabeleceram no Brasil, sempre procuraram fazer da educação confessional um suporte para o cumprimento da missão da igreja, bem como um elemento estratégico para expansão e consolidação de sua estrutura denominacional (Stencel, 2006, p.38). Essa visão explica a política inicial dos adventistas quanto ao ensino superior, que investiu apenas nas áreas de teologia, saúde e educação. O lema era salvar, curar e educar (Ibid., 50). No entanto, na última década, o ensino superior adventista esteve em plena expansão, especialmente ao atender outras áreas como comunicação, administração e demais licenciaturas que dão apoio ao segmento educacional da IASD. O

surgimento de uma classe universitária dentro da igreja se mostra oportuna devido à necessidade de mão-de-obra adventista qualificada.

Outra implicação de termos a popularização do acesso de adventistas ao ensino superior é a possibilidade de, a médio e longo prazo, a igreja ter uma classe representativa de pesquisadores, intelectuais e eruditos na sua membresia. Tal segmento poderia dispor seu conhecimento acadêmico a serviço da igreja, por meio da produção de materiais e publicações, participação em congressos e curso de capacitação, além da realização de pesquisas com rigor científico sobre necessidades específicas da IASD.

Em sua pesquisa exploratória, Fernando PANONTIN classificou os últimos quinze anos como um período de consolidação da formação de doutores adventistas, com a média de dez por ano (2006, p. 13). Segundo ele, o número de adventistas com títulos doutorais chega a 186, sendo o primeiro deles o professor Siegfried Schwantes, que concluiu seu Ph.D em Línguas Semíticas pela Universidade Johns Hopkins (EUA) em 1962 (Ibid., p.32). No entanto, qualquer projeto ou ação pastoral que vise atender os universitários, além de contemplar os desafios e possibilidades desse grupo, não pode negligenciar como esses jovens manifestam a própria fé.

O crescimento da participação adventista em editorias significativas da revista, talvez já aponte para a formação de uma classe acadêmica dentro da igreja no Brasil. Um levantamento paralelo identificou que em 29,63% das edições existe alguma contribuição brasileira, quer seja uma notícia na seção Em Ação, quer um artigo de capa, como do teólogo Alberto Timm, por exemplo. Pode-se perceber que essa participação cresceu na frequência e relevância a partir de 2001. Essa peculiaridade pode-se mostrar positiva, como um elemento de atração e identificação dos universitários brasileiros com a revista.

Conclusão parcial

Esse capítulo tratou do comportamento editorial da revista *Diálogo*. Observou-se que a revista assumiu uma linha contracultural, combatendo a ênfase emocional, a privatização do sagrado e transito e sincretismo religiosos peculiares da religiosidade atual. O periódico adota um projeto editorial e gráfico que valoriza o aspecto cognitivo da fé, é um espaço para um forte

discurso institucional, fazendo da publicação uma agenda de pensamento internacional dos adventistas, além de procurar fortalecer a identidade confessional por meio da ênfase na cosmovisão e estilo de vida adventista.

Diálogo também se mostra sensível aos desafios próprios do ambiente universitário, como o assédio do relativismo ético-filosófico, o embate entre ciência e religião e a pressão imoral sobre a conduta sexual. A revista dá o contraponto a esses obstáculos ao enfatizar a coerência da visão de mundo adventista, bem como os fundamentos normativos do estilo de vida cristão. Já na questão sobre o embate entre ciência e religião, *Diálogo* se apresenta especializada, sendo o criacionismo o tema mais recorrente em suas capas. Por fim, a pressão sobre a conduta cristã é tratada pela primazia dada na área ética ao tema dos relacionamentos com o sexo oposto, incluindo a própria ética sexual para solteiros.

Além disso, *Diálogo* atua como motivadora e capacitadora para que o universitário exerça todo o seu potencial de serviço a Igreja e à comunidade. Para tanto, aborda temas ligados ao relacionamento e a atitude do cristão em relação a cultura.

CONCLUSÃO

1. Resumo

O primeiro capítulo procurou apresentar, inicialmente, como o ministério jovem adventista foi concebido, consolidado e como se adaptou às inúmeras mudanças culturais com as quais se deparou. Vale destacar que a IASD, diante de crises ou grandes desafios, procura agir mediante mudanças na sua estrutura administrativa e produção de matérias e periódicos. Mostrou-se que é preciso se pensar sobre ações pastorais mais específicas e organizadas para o público universitário, tendo em vista que apresentam desafios e possibilidades específicas.

Ele ainda traçou, sucintamente, o perfil da religiosidade dos universitários. Viu-se que a mesma se caracteriza, basicamente, por três elementos: (1) ênfase emocional; (2) privatização do sagrado e; (3) trânsito e sincretismo religiosos. Apesar da escassez de trabalhos dessa natureza sobre o adventismo, foram feitas algumas inferências ocorridas no seio da IASD, que fatalmente se refletem no perfil da espiritualidade de seus jovens.

Por fim, procurou-se explicar o papel dos meios de comunicação na mediação das relações sociais, tornando-se um poder praticamente onipotente, que assumiu o status de agência de socialização e produtora de sentido. Descreveu-se como a mídia ajuda a formar e consolidar a identidade religiosa, ajudando na legitimação de grupos outrora marginalizados (evangélicos, por exemplo). Conclui-se que toda denominação religiosa que pretenda contextualizar a sua mensagem para esse tempo e manter um diálogo aberto com a sua juventude, não se pode dar ao luxo de negligenciar o uso da comunicação. No próximo capítulo, analisarei o que IASD tem produzido como bens midiáticos, com destaque para o gênero revista impressa.

O segundo capítulo procurou mostrar, primeiramente, as várias tentativas da IASD no Brasil de consolidar uma revista para o seu público universitário. Essa empreitada começou em 1936, com a revista *Juventude*, passando por 1958 com a *Mocidade*, 1994 com a *Superamigo* (uma opção mercadológica pelos adolescentes), e agora, um novo investimento com a *Conexão JA*, que procura voltar a prestigiar o público jovem adulto, especialmente universitários.

Apesar de ser cedo para uma avaliação conclusiva, apenas um ano em circulação, a *Conexão JA* parece já demonstrar seus pontos fortes, como a diversidade e pertinência das pautas, busca de interação com os leitores, representatividade nacional e caráter prático de suas matérias. No entanto, deixa a desejar naquilo que a *Diálogo* tem de sobra: conteúdo abalizado. Ao que indica, à primeira vista, ambas revistas parecem ser complementares. A *Conexão JA* com um formato popular, proposta gráfica moderna e caráter prático das matérias. Já a *Diálogo*, se mostra com a hegemonia do texto sobre a imagem, trazendo artigos e reflexões das mentes mais destacadas do adventismo mundial, assumindo uma identidade claramente acadêmica, e não jornalística.

O levantamento freqüencial possibilitou tecer uma descrição do comportamento editorial da revista. *Diálogo* tem claramente optado por enfatizar os aspectos cognitivos e éticos, por meio de temas como criacionismo, doutrinas e história denominacional, princípios para o casamento e sexualidade e cosmovisão adventista. Também concede um bom espaço à voz institucional, especialmente quando trata da missão adventista, com a promoção de projetos evangelísticos da Igreja Adventista mundial.

O terceiro capítulo, por sua vez, tratou do comportamento editorial da revista *Diálogo*. Observou-se que a revista assumiu uma linha contracultural, combatendo a ênfase emocional, a privatização do sagrado e transito e sincretismo religiosos peculiares da religiosidade atual. O periódico adota um projeto editorial e gráfico que valoriza o aspecto cognitivo da fé, é um espaço para um forte discurso institucional, fazendo da publicação uma agenda de pensamento internacional dos adventistas, além de procurar fortalecer a identidade confessional por meio da ênfase na cosmovisão e estilo de vida adventista.

Diálogo também se mostra sensível aos desafios próprios do ambiente universitário, como o assédio do relativismo ético-filosófico, o embate entre ciência e religião e a pressão imoral sobre a conduta sexual. A revista dá o contraponto a esses obstáculos ao enfatizar a coerência da visão de mundo adventista, bem como os fundamentos normativos do estilo de vida cristão. Já na questão sobre o embate entre ciência e religião, *Diálogo* se apresenta especializada, sendo o criacionismo o tema mais recorrente em suas capas.

Por fim, a pressão sobre a conduta cristã é tratada pela primazia dada na área ética ao tema dos relacionamentos com o sexo oposto, incluindo a própria ética sexual para solteiros.

Além disso, *Diálogo* atua como motivadora e capacitadora para que o universitário exerça todo o seu potencial de serviço a Igreja e à comunidade. Para tanto, aborda temas ligados ao relacionamento e a atitude do cristão em relação à cultura.

2. Conclusões

Após três capítulos é possível responder o problema de pesquisa desse trabalho: a revista *Diálogo* tem adaptado sua linha editorial a demanda da religiosidade contemporânea dos jovens ou tem assumido um discurso contracultural, com o objetivo de preservar a identidade confessional dos mesmos?

A resposta a essa pergunta confirma a hipótese levantada no início desse trabalho. *Diálogo* tem resistido à demanda por uma abordagem religiosa que se caracteriza pelo apelo emocional, pela privatização do sagrado e tolerância para com o trânsito e sincretismo religiosos. Ao contrário disso, apresenta-se comprometida em promover a solidificação da identidade confessional nos jovens.

Essa opção editorial pode ser verificada por meio do levantamento da frequência temática dos artigos de capa. *Diálogo*, desde o seu início, tem mantido uma ênfase muito forte nos aspectos cognitivos da fé, como pautas de ciência e religião, cosmovisão adventista e estilo de vida contracultural. Além de ser porta-voz do pensamento e planos da instituição adventista. Seu comportamento editorial parece refletir seu *slogan* “pensamento, fé e ação”.

Diálogo tem zelado pela qualidade de suas pautas. Dificilmente os seus artigos não são escritos por especialistas com título de doutor na área. Além disso, a cada edição traz resenhas de livros sobre adventismo ou escrito por adventistas, o que pode proporcionar muitas idéias para pesquisas entre os leitores ou mesmo um intercâmbio acadêmico.

Em comparação com as outras iniciativas da IASD em publicar um periódico para jovens, essa, no Brasil, se mostra a mais focada. Apesar de a

revista *Conexão JA*, nominalmente ter como público-alvo jovens de 18 a 25 anos, especialmente universitários, em suas pautas parece refletir uma abordagem para adolescentes, não aprofundando a discussão. A relevância de *Diálogo* aumenta um pouco mais diante da dificuldade da própria Casa Publicadora Brasileira produzir livros focados para universitários.

Ao longo dos seus 18 anos de história, a revista parece tentar suprir a lacuna de um ministério para universitário que ainda carece de organização e consolidação, em especial no Brasil. Para Humberto Hasi (2007), ao redor do mundo, pouco a IASD avançou em valorizar um trabalho específico para esses estudantes. Haja vista que são poucos os diretores de jovens ou de educação dos níveis administrativos da Igreja que se preocupam em fazer um levantamento de quantos e quem são, e onde estão os universitários de sua área geográfica.

No entanto, abro um espaço aqui para tecer algumas considerações quanto às limitações da revista. A primeira, a meu ver, é a questão visual. Apesar de o projeto gráfico ser coerente com a proposta da revista, de ser estilo *journal*, creio que esse modelo de periódico pode limitar muito o interesse do leitor jovem pós-moderno, acostumado com revistas mais apelativas visualmente, que se esmeram na infografia.

Se por um lado, *Diálogo* parece acertar quanto ao conteúdo ser de profundidade e de posicionamento contracultural, peca na “embalagem” de seu produto. A insistência nesse tópico não é apenas de natureza estética e subjetiva, mas também de implicações para a aprendizagem. O próprio jeito de ler hoje, com o advento da internet, tem privilegiado o hipertexto, ao invés da leitura linear.

Outra limitação apresentada por *Diálogo* é a sua distribuição e divulgação. HASI (Ibidem) estima que apenas metade dos universitários adventistas no mundo devem ter entrado em contato com pelo menos um exemplar da revista. Isso se deve pela tiragem restrita, 30 mil exemplares, mas também pela dificuldade de manter os dados cadastrais atualizados de um público tão itinerante como o universitário. Hasi reconhece que muitas sedes administrativas da Igreja recebem seus exemplares e não os distribuem com criteriosidade e pontualidade.

Por fim, quanto a divulgação, percebe-se a ausência de peças publicitárias da revista nos próprios sites do departamento de educação e de jovens para a América do Sul, os responsáveis pela promoção e distribuição das mesmas. Além do que numa instituição como Unasp, uma das mais importantes da IASD na América do Sul, não divulgação da revista, nem mesmo nas reuniões oficiais.

Esse trabalho apenas diagnosticou o comportamento editorial da revista, mas abre espaço para muitas outras pesquisas, especialmente quanto a percepção que os universitários adventistas brasileiros têm da *Diálogo*. Outro trabalho que contribuiria muito para a consolidação de um ministério para os universitários no Brasil, seria um levantamento exploratório de todas as agremiações universitárias que estão se consolidando no país.

Enquanto isso, a *Diálogo* parece ser um dos poucos recursos que a Igreja tem disponibilizado para auxiliar os universitários brasileiros em tempos em que a identidade dos mesmos anda extremamente ameaçada por ventos secularizantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Malcom. **Conduccion divina o presion mundana? – El ministério joven em la Iglesia Adventista**. Buenos Aires: ACES, 1995.

ALMEIDA, Ronaldo. “Religião na metrópole paulistana”. In: **Revista eletrônica do Centro de Estudos da Metrópole (CEM)**. Disponível em www.centrodametropole.org.br/pdf/Texto%20Prof%5B1%5D.%20Ronaldo.pdf Acessado em 22/09/05.

ALVES, Rubem A. “A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil.” In: **Revista Religião e Sociedade**. n°. 03, pp. 109-142. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.

ANTONIAZZI, Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. In: **Revista Rever**. Ano 3, N° 2, 2003, pp. 75-80. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_antoni.pdf. Acessado em 02/11/2005.

_____. “O sagrado e as religiões no limiar do terceiro milênio.” In: CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 11-19.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BASTIAN, Jean-Pierre. “Os pentecostalismos: afirmação de uma singularidade religiosa latino-americana.” In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 18, n°. 27, pp. 26-35. São Bernardo do Campo, 2004.

BELLOTTI, Karina Kosicki. “Mídia, religião e história cultural” In: **Revista de Estudos da Religião**. Ano 18, n°.4/2004, pp. 96-115.

BENEDICTO, Marcos De. Entrevista realizada pelo autor por e-mail em 21 nov 2007.

BEOZZO, José Oscar. “Grandes questões da caminhada do Cristianismo na América Latina e Caribe.” In: **Revista Religião e Cultura**. Vol. 3, n°. 5, pp.35-51. São Paulo: Paulinas, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil.” In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 16, n. 22, pp. 85-109. São Bernardo do Campo, 2002.

BORGES, Michelson. Entrevista realizada pelo autor por e-mail em 16 nov 2007.

_____. “Vida de conexão” In: **Conexão JA**, número zero, 2006, p.2. Tatuí, SP: CPB, 2006.

BUTLER, Raphael de Azambuja. "Um rumo, uma meta, um destino" In: **Mocidade**, janeiro 1958, p.2. Santo André, SP: CPB, 1958.

CAMPOS, Leonildo Silveira. "Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil." In: **Revista Estudos de Religião**. Ano 16, n. 22, pp. 85-109. São Bernardo do Campo, 2002.

CARNEVALLI, Maria Alice. **Indispensável é o leitor: o novo papel das revistas semanais de informação no Brasil**. Tese de doutorado. ECA/USP. São Paulo, 2003.

COLSON, Charles e PEARCY, Nancy. **O cristão na cultura de hoje: desenvolvendo uma visão de mundo autenticamente cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CUNHA, Magali N. "Consumo: novo apelo evangélico em tempos de cultura gospel". In: **Estudos de Religião**, ano 28, n.26, 53-80, jan/jun 2004.

DAMACENA, Andréa e FERNANDES, Silvia Regina Alves. **Dinâmicas do catolicismo contemporâneo: uma leitura a partir das crenças e motivações**. Disponível em www.ceris.org.br/textos/_busca.asp?codDoc=9. Acessado em 05/10/05.

FERREIRA, Wiliam Gomes e SILVA, Elisa Pereira da. "Breve análise do programa jovem adventista à luz dos seus objetivos filosóficos e teológicos". Trabalho de conclusão de curso de Teologia publicado em In: **Revista eletrônica Kerygm@**, ano 2, n.2, 2º. Sem 2006. Disponível em www.unasp.edu.br/kerygma/monografia4.04.asp, acessado em 28 out 2007.

FONSECA JR., Wilson Corrêa da. "Análise do conteúdo" In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, pp. 280 – 304.

GALINDO, Daniel. "Religião, mídia e entretenimento: o culto 'tecnofun'". In: **Estudos da Religião**, ano 28, n.26, p. 24-51, jan/jun 2004.

GONZÁLES, Mauricio D. "Tensiones en la conservación de la identidad y misión de las instituciones educativas adventistas de nivel superior." **Ensaio apresentado no 32o Seminario de Integración de la Fe con la Enseñanza y el Aprendizaje**, realizado na Universidade de Montemorelos, México, em junho de 2004. Disponível em http://www.aiias.edu/ict/vol_32/vol_32.html, acessado em 28 out 2007.

GUERRA, Lemuel. "As Influências da Lógica Mercadológica sobre as Recentes Transformações na Igreja Católica." In: **Revista Rever**. Nº. 03, Ano 03, pp. 1-23, 2003. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf. Acessado em 10/11/2005.

IASD. **Manual da Igreja**. 14ª. edição. Tatuí, SP: CPB, 2001.

JENKINS, Philip. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. São Paulo: Record, 2004.

KÖLHER, Erton. “Você está conectado!” In: *Conexão JA*, número zero, 2006, p.2. Tatuí, SP: CPB, 2006.

LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia um produto a venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. Alfa Omega São Paulo, 1978.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MÓDOLO, Cristiane Machado. “Estudo quantitativo dos infográficos publicados na revista *Superinteressante* nos anos 1978 a 2005”. **Artigo apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo da edição de 2007 do Intercom**. Disponível em <http://www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/r1102-2.pdf>, acessado em 23 nov 2007.

NOVAES, Allan M. “O ministério jovem e a pós-modernidade: breve análise das reuniões de jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia”. In: **Revista eletrônica de teologia Kerygm@**, ano 1, n.2, 2º. sem. 2005, p.80. Disponível em <http://www.unasp.edu.br/kerygma/monografia2.12.asp>, acessado em 28 out 2007.

NOVAES, Regina. “Os jovens sem religião: ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos. Notas preliminares”. In: **Estudos Avançados**. vol. 18, no. 52, São Paulo, dez. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S, acessado em 28 out 2007.

OLIVEIRA, Sueli. Entrevista realizada pelo autor por e-mail em 21 nov 2007.

PANONTIN, Fernando. **Doutores adventistas no Brasil**. Trabalho de conclusão de curso (Teologia). Unasp, Engenheiro Coelho, SP, 2006.

PEARCY, Nancy. **Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. 0103-40142004000300020, acessado em 28 out 2007.

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa**. 2ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

PINHEIRO, Paulo. “Nossas revistas abrindo caminhos”. In: **Revista Adventista**, julho de 1990, pp. 37-38. Tatuí, SP: CPB, 1990.

RASI, Humberto. Entrevista realizada pelo autor por e-mail em 21 nov 2007.

_____. “Editorial” In: **Diálogo Universitário**, jan-abr, 1989, p. 3.

_____. “Endossando o ministério em campi seculares” In: **Diálogo Universitário**, jan-abr, 1992, p. 28.

_____. “Líderes adventistas mundiais adotam diretrizes para ministérios em campi universitários” In: **Diálogo Universitário**, jan-abr, 1996, p. 32.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. “Os universitários e a transcendência – visão geral, visão local”. In: **Rever**, São Paulo, n. 2, 2004, pp. 79-119. Disponível em www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_ribeiro.pdf, acessado em 28 out 2007.

_____. “Georg Simmel, pensador da religiosidade moderna”. In: **Rever**, São Paulo, n. 2, 2006, pp. 109-126.

_____. “A religiosidade do universitário” In: **Religião e cultura**, São Paulo, v. 1, p. 159-175, 2002.

_____. “Os universitários e a transcendência – visão geral, visão local”. In: **REVER**, nº2, 2004, pp. 79-119.

SHÜNEMANN, Haller E. S. **O tempo do fim: uma história social da IASD no Brasil**. Tese de doutorado em Ciências Sociais e Religião. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2002.

SILVA, Elison Pereira da e FERREIRA, Wiliam Gomes. “Breve análise do programa jovem adventista à luz dos seus objetivos filosóficos e teológicos”. Trabalho de conclusão do curso de Teologia publicado em In: **Revista eletrônica Kerygm@**, ano 2, n.2, 2º. Sem 2006. Disponível em www.unasp.edu.br/kerygma/monografia4.04.asp 36, acessado em 28 out 2007.

SILVA, Thiago O. e VIEIRA, Waltenes C. S. “Um estudo sobre o nível do conhecimento que a juventude adventista possui dos temas proféticos de Daniel e Apocalipse”. In: **Revista eletrônica Kerygm@**, ano 3, n.1, 1º. sem 2007, Disponível em www.unasp.edu.br/kerygma/monografia5.07.asp, acessado em 28 out 2007.

STENCEL, Renato. **História da educação superior adventista: Brasil, 1969-1999**. Piracicaba, SP: tese de doutorado em educação – Unimep, 2006.

SUÁREZ, Adolfo Semo. “Sincretismo religioso em estudantes do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho”. In: **Acta Científica – Ciências Humanas**, vol. 2, n.11, 2º semestre de 2006, pp. 32-42

TIMM, Alberto R. **A educação adventista no Brasil: uma história de aventuras e milagres**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2004.

_____. "Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?": **Revista Adventista**, junho. Tatuí, SP: CPB, 2001.

VALLADA, Kardec Pinto. **Revistas: um produto objeto e instrumento de marketing**. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1989.

VALIANTE, Edilson. "Movimento pentecostal no Brasil: breve análise histórica e as principais razões para o seu crescimento." In: **Revista Parousia**. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Vol. 01, nº. 01, pp.5-18. Unaspress: Engenheiro Coelho, SP, 2000.

WILLAIME, Jean-Paul. "Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso." **Revista Estudos de Religião**. Ano 16, n. 23. pp. 41-55. São Bernardo do Campo, 2002.

WHITE, Ellen. G. **Mensagens aos Jovens**. 20ª. edição. Tatuí, SP: CPB, 2006.

YAMADA, Masanobu. "A Concepção Vitalista da Salvação' no Brasil: As Novas Religiões Japonesas e o Pentecostalismo." Tradução de Kleber Maia Marinho. In: **Revista Rever**. Nº. 03, ano 04, pp. 29-49, 2004. Disponível no endereço www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_yamada.pdf . Acessado em 10/11/2005.